

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DOUTORADO/MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARCOS ANTONIO FASOLIN

**A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO:
PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A ESPORTIVIZAÇÃO
E FORMAÇÃO**

PASSO FUNDO - RS
2020

Marcos Antonio Fasolin

A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO:
PERCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE A ESPORTIVIZAÇÃO E
FORMAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Eldon Henrique Mühl.

PASSO FUNDO-RS
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Honorino Fasolin e Eugenia Tereza Marques Fasolin, in memória, a quem agradeço as bases que deram para me tornar a pessoa que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Ao final de uma etapa de nossa vida, percebemos o quanto é importante o convívio com amigos e colegas que prestaram incentivos nas horas em que fraquejamos, dando-nos forças e coragem para ir sempre em frente. Com o término deste trabalho, realizado com bastante determinação, quero registrar meus agradecimentos a pessoas que foram importantes para a conclusão dessa pesquisa: A minha esposa, Tania Maria Soares Fasolin, pelo seu incentivo e apoio sempre que precisei; aos Diretores e Professores de Educação Física, aos colégios pesquisados, pela abertura em suas aulas para que pudéssemos obter dados para a conclusão da pesquisa. Quero deixar um registro especial, ao meu orientador Prof. Dr. Eldon Henrique Mühl pelas orientações e correções significativas que nos deu suporte para a conclusão desta pesquisa.

RESUMO

Essa dissertação busca refletir sobre o papel da Educação Física na formação do aluno, considerando as proposições da nova BNCC (2017). O questionamento surgiu em decorrência da constatação de as aulas de Educação Física no Ensino Médio, resumirem-se, geralmente, ao ensino das modalidades esportivas, tais como futebol, futsal, voleibol, handebol e basquetebol. O problema não se resume apenas ao aspecto das escolhas das modalidades esportivas mas, principalmente, acerca da destinação da finalidade da educação física à competição (esportivização). Isso tem levado muitos alunos a entenderem as aulas de Educação Física como prática de uma modalidade esportiva. O estudo analisa o comportamento de jovens e adolescentes na sua participação efetiva nas aulas de Educação Física, verificando se as atividades desenvolvidas favorecem aos alunos a compreensão de seu próprio corpo e de suas possibilidades, bem como se são compromissadas com a qualidade de vida dos estudantes. São identificadas e analisadas as razões que levam os jovens e adolescentes a não participarem ativamente das aulas de Educação Física, assim como as compreensões e atitudes dos alunos diante das aulas desenvolvidas. Atenção especial é dada aos alunos que não apresentam habilidades esportivas durante as aulas e as razões que eles indicam justificando a desmotivação e a pouca participação efetiva nas aulas ministradas no Ensino Médio. A hipótese da dissertação é a que a disciplina de Educação Física pode possibilitar, talvez, mais que as outras, uma mudança significativa no processo de ensino-aprendizagem e na formação integral do indivíduo. Essa dissertação encontra-se ancorado na abordagem de pesquisa qualitativa e deseja fazer jus à complexidade da realidade. Seguimos esta metodologia principalmente por acreditarmos que através dela poderemos nos tornar mais conscientes, pois somos motivados a criticar e analisar com consistência e assim explorar mais profundamente as circunstâncias a serem estudadas. Fizeram parte da amostra de nosso estudo 484 alunos do Ensino Médio, de duas escolas da rede pública Estadual do Município de Pato Branco-PR. A coleta de dados foi realizada através de um questionário estruturado, aplicado pelo próprio pesquisador em sala de aula. Os resultados apontam a predominância da esportivização, mas também que, mesmo assim, muitos alunos atribuem à disciplina de Educação Física um papel importante na sua formação, especialmente no desenvolvimento de uma vida de boa qualidade. A conclusão aponta para a necessidade de reorganização das disciplinas e a introdução de modalidades mais apropriadas de ministrar as aulas a fim de que o aluno sinta prazer e atinja um desenvolvimento mais integral em Educação Física.

Palavras-chave: Educação, Educação Física, Ensino Médio, Alunos, Esportivização

ABSTRACT

This dissertation seeks to reflect on the role of Physical Education in the education of students, considering the proposals of the new BNCC (2017). The questioning arose as a result of the fact that PE classes in high school are generally limited to teaching sports, such as soccer, futsal, volleyball, handball and basketball. The problem is not only the aspect of sports choices, but mainly about the destination of the purpose of physical education to competition (sports). This has led many students to understand Physical Education classes as the practice of a sport. The study analyzes the behavior of young people and adolescents in their effective participation in Physical Education classes, verifying if the activities developed favor the students' understanding of their own body and its possibilities, as well as if they are committed to the students' quality of life. The reasons that lead young people and adolescents to not participate actively in Physical Education classes are identified and analyzed, as well as the comprehensions and attitudes of the students in front of the classes developed. Special attention is given to students who do not present sports skills during classes and the reasons they indicate justifying the demotivation and the little effective participation in the classes taught in High School. The hypothesis of the dissertation is that the discipline of Physical Education can enable, perhaps, more than the others, a significant change in the teaching-learning process and in the integral formation of the individual. This dissertation is anchored in the qualitative research approach and wishes to do justice to the complexity of reality. We follow this methodology mainly because we believe that through it we can become more aware, because we are motivated to criticize and analyze with consistency and thus explore more deeply the circumstances to be studied. Part of our study sample was 484 high school students, from two public schools in the city of Pato Branco-PR. The data collection was done through a structured questionnaire, applied by the researcher himself in class. The results point to the predominance of sports, but also that, even so, many students attribute to the subject of Physical Education an important role in their education, especially in the development of a good quality life. The conclusion points to the need for reorganization of subjects and the introduction of more appropriate ways of teaching the classes so that the student feels pleasure and reaches a more integral development in Physical Education.

Keywords: Education. Physical Education. High School. Students. Sport.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1: O que você sente em relação à disciplina de Educação Física?n.º p. | 53 |
| Gráfico 2: Qual a importância da Educação Física na sua formação?n.º p. | 54 |
| Gráfico 3: Você se sente motivado para participar das aulas de Educação Física Desenvolvidas no seu colégio?.....n.º p. | 56 |
| Gráfico 4: O meu professor é motivador nas aulas?n.º p. | 58 |
| Gráfico 5: A sua participação nas aulas só ocorre quando lhe interessa o conteúdo aplicado?n.º p. | 60 |
| Gráfico 6: Você acha que há discriminação entre os alunos que praticam as aulas de Educação Física?n.º p. | 61 |
| Gráfico 7: Como se comportam os alunos que não têm habilidade esportiva durante as aulas de Educação Física?n.º p. | 63 |
| Gráfico 8: Os colegas o deixam em segundo plano quando percebem que você não tem habilidade para determinada prática esportiva?n.º p. | 65 |
| Gráfico 9 - A sua aula de educação física se resume à prática de uma modalidade esportiva?..... n.º p. | 67 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|--------------------------------------------------|
| ACM | Associação Cristã de Moços |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira |
| PCNs | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PPP | Projeto Político Pedagógico |
| SEED | Secretaria de Estado da Educação |

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| I. INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 Problematização Inicial | 10 |
| 1.2 Justificativa | 17 |
| 1.3 Objetivos | 22 |
| 1.3.1 Objetivo geral | 22 |
| 1.3.2 Objetivos específicos | 22 |
| 1.4 Estrutura da dissertação | 23 |
| 2 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA | 24 |
| 2.1 O método da pesquisa | 25 |
| 2.2 População | 25 |
| 2.3 Descrição da amostra | 27 |
| 2.4 Coleta de dados | 28 |
| 2.5 Análise e interpretação dos dados | 29 |
| 2.6 O desenho da pesquisa | 31 |
| 3 EDUCAÇÃO FÍSICA: Aspectos Históricos | 32 |
| 3.1 A História da Educação Física | 32 |
| 3.2 A História da Educação Física no Brasil | 36 |
| 3.3 A Educação Física Escolar | 39 |
| 3.4 A Educação Física e a competição | 42 |
| 3.5 A Educação Física a discriminação | 44 |
| 3.6 A Educação Física no Ensino Médio | 45 |
| 3.7 A Educação Física no Ensino Médio e a BNCC | 47 |
| 4 REFLETINDO SOBRE OS DADOS DA PESQUISA | 52 |
| 4.1 Tabulação e análise dos gráficos | 52 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 69 |
| REFERÊNCIAS | 72 |
| ANEXO 1 - Qustionário | 79 |
| ANEXO 2 – Parecer Comitê de Ética | 79 |
| CIP - Catalogação na Publicação | 83 |

I. INTRODUÇÃO

1.1 Problematização Inicial

A educação é um processo que permeia a formação do homem, estando presente em todas as sociedades humanas e, é inerente ao homem como ser social e histórico. Sua existência está fundamentada na necessidade de formar as gerações mais novas, transmitindo seus conhecimentos, valores e crenças, dando-lhes possibilidades de conhecer o mundo existente e de transformá-lo. (Cf. GONÇALVES, 1997). A Educação Física faz parte desta tarefa.

Toda a educação, no nosso entendimento, deve remeter àquilo que Michel Foucault denominou de cuidado de si: atividade de cultivo, que supõe que o eu não está dado, e que o ser implica em uma meta, busca ou atividade permanentes na vida. Esta é, aliás, a acepção central dos termos Paidéia e Bildung. Mas, esta busca pode ter dois sentidos diferentes e mesmo opostos: no primeiro caso, trata-se de uma atividade de formação ou constituição (o sujeito provido de certos conhecimentos, atitudes, virtudes ou habilidades), ao passo que, no segundo, a ênfase não recai sobre o produto, mas sobre o processo mesmo. Desprovido de todo fim teleológico, esse segundo percurso é, por isso, desprovido de todo fim cronológico: continua incessantemente se desenrolando, sem outra finalidade senão o próprio percurso, sem uma medida que possa instituir o ponto de chegada.

Entendida como formação, a educação supõe um sujeito que adquire certas habilidades, saberes ou capacidades. Isso nos remete à ideia da impossibilidade de distinguir o eu de seus conhecimentos, saberes ou habilidades. Aquilo que se aprende não é algo que afeta alguém como se pode dizer do acidente em relação à substância, mas é constitutivo do percurso que conduz àquela configuração específica, àquele "eu". Como enuncia o aforisma 231 de Além do Bem e do Mal, "o aprendizado nos transforma, faz o que faz a nutrição, que não apenas 'conserva' " (NIETZSCHE, 2001, § 231). Esta metáfora da nutrição, de Nietzsche é, aliás, muito ilustrativa para o entendimento do processo de transformação que conosco ocorre enquanto crescemos:

Crescemos como a árvore cresce (...) não apenas num ponto, mas por todos os lados, não num sentido, mas em todos ao mesmo tempo, em cima, em baixo, dentro, fora, a nossa força cresce ao mesmo tempo no tronco, nas raízes, já não temos liberdade de fazer nada separadamente, de ser nada de uma maneira localizada... tal é, repito, o nosso destino (NIETZSCHE, 2001, § 371)

Desta colocação podemos extrair a ideia de que a formação humana tem um caráter sempre aberto, provisório, contingente; ela implica a permanente disponibilidade de romper com aquilo mesmo que se reconhece como "eu", destituindo-se de toda crença na identidade. Este aspecto transformador da formação e aprendizagem humana é sugerido, também, por Gilles Deleuze em *Diferença e Repetição*:

Aprender a nadar, aprender uma língua estrangeira, significa compor os pontos singulares de seu próprio corpo ou da sua própria língua com os de uma outra figura, de um outro elemento que nos desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos. (DELEUZE, 1988, p. 317)

Considerando estes pontos de vista, cabe considerar que, aprender, não significa apenas adquirir novas habilidades, acrescentar novos saberes ou conteúdo ou constituir um "eu" ou uma subjetividade permanentes; é antes, um ato de deixar de ser quem se é e reinventar-se como aquele que fala tal língua ou como aquele que sabe nadar. É o que ocorre quando dizemos que para falar bem uma língua estrangeira é preciso "aprender a pensar" naquela língua. Contrariando a concepção aristotélica que evocamos, acima, deve-se dizer, portanto, que quem aprende a tocar violino se torna de fato um outro. Nesse sentido, não se pode mais falar em um "sujeito" da educação, mas de um processo que dissolve a própria noção de sujeito: o eu que sou a cada instante é o efeito de uma configuração, a soma dos acidentes que me constituem, de forma sempre provisória o que eu mesmo sou.. Não há um sujeito que funcione como substrato do processo de aprendizagem: o homem se constitui como efeito dos seus saberes, de seus fazeres, de sua existência no mundo.

A ideia de educação, aqui, pressuposta implica ideia de formação e de transformação que não tem qualquer acepção axiológica ou ideológica definitiva. Em outras palavras, não se trata de criticar a educação e seus projetos de formação humanista em nome de uma "pedagogia da transformação". Não existe um modelo de educação a implantar, mas a sua definição e entendimento se dão no decorrer do próprio processo.

Esta pesquisa começou a tomar forma quando começamos a refletir, considerando as proposições da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) em confronto com as razões que têm levado as aulas de Educação Física, no âmbito do Ensino Médio, a se resumirem, geralmente, ao ensino das modalidades esportivas, tais como futebol, futsal, voleibol, handebol e basquetebol, sem a preocupação, de parte das instituições e dos professores desta área, de darem conta de todas as outras dimensões propostas em diferentes documentos da Área. O problema não nos preocupa apenas sob o aspecto das escolhas das modalidades esportivas, mas, principalmente, acerca da destinação da finalidade da Educação

Física, exclusivamente, à competição, à esportivização. Esta prática se confronta com a proposição da BNCC (2017) ao enfatizar o crescimento dos aspectos socioculturais decorrentes das grandes transformações do desenvolvimento do ser humano dessa fase e que a ação pedagógica deva ser a ampliação do repertório de ação e de compreensão dos jovens. Em síntese, o documento aponta a importância do desenvolvimento do indivíduo para conquistar seu mundo social e a importância da formação integral, em sentido ampliado, a partir das necessidades cotidianas e dos contextos em que a pessoa vive.

Esse questionamento inicial provocou o desenvolvimento de nosso problema de pesquisa: Quais as modalidades de aulas de educação física predominantes no Ensino Médio? Existe efetivamente a predominância de práticas de esportivização? Qual a percepção dos alunos sobre a predominância da concepção esportivista nas aulas de educação física e que percepções têm sobre a finalidade de formação que a disciplina oferece?

Sabemos que a educação é concebida, muitas vezes, como uma prática pela qual se pretende atuar sistematicamente sobre indivíduos e grupos sociais, com a intenção de possibilitar a formação de sua personalidade e sua participação ativa na sociedade, considerando, portanto, a diversidade de aspectos que especificam a educação enquanto tal e repercutem diretamente na concepção que deve orientar a formação a ser promovida na Educação Física. Ela possui sua especificidade na formação humana dos indivíduos, pois como teoria e prática educativo, sua especialidade relaciona-se diretamente à corporalidade, ao movimento e ao reconhecimento da identidade de cada indivíduo, diretamente, atrelado ao reconhecimento de sua dignidade corporal. Tal concepção depende de diversos fatores e sofre as interferências do momento histórico e do contexto em que se situa a escola.

A partir de um breve histórico da Educação Física, no Brasil, constata-se que a mais antiga notícia sobre esta Área, em terras brasileiras, data de 1500, ano da descoberta do Brasil. Tal fato se deve ao relato de Pero Vaz de Caminha, que, em uma de suas cartas, descreve os indígenas dançando, saltando, girando e se alegrando ao som de uma gaita tocada por um português (RAMOS, 1982). Segundo Ramos, esta foi certamente a primeira aula de ginástica e recreação relatada no Brasil.

O início efetivo da Educação Física escolar, no Brasil, inicialmente denominada Ginástica, ocorreu oficialmente com a reforma Couto Ferraz, em 1851 (RAMOS, 1982). No entanto, foi somente em 1882, que, Rui Barbosa, ao lançar o parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior”, denota importância à Ginástica na formação do brasileiro (RAMOS, 1982). Nesse parecer, Rui Barbosa relata a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defende a Ginástica como elemento indispensável

para formação integral da juventude (RAMOS, 1982). Em resumo, o projeto relatado por Rui Barbosa buscava instituir uma sessão essencial de Ginástica em todas as escolas de ensino normal; estender a obrigatoriedade da Ginástica para ambos os gêneros (masculino e feminino), uma vez que as meninas não tinham obrigatoriedade em fazê-la; inserir a Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo e em horas distintas ao recreio e depois da aula; além de buscar a equiparação em categoria e autoridade dos professores de Ginástica em relação aos professores de outras disciplinas (DARIDO e RANGEL, 2005).

A Educação Física, no Brasil República, pode ser subdividida em duas fases: a primeira remete ao período de 1890 até a Revolução de 1930 (que empossou o presidente Getúlio Vargas); e, a segunda fase configura o período após a Revolução, de 1930 até 1946. Na primeira fase do Brasil República, a partir de 1920, outros estados da Federação, além do Rio de Janeiro, começaram a realizar suas reformas educacionais, e começaram a incluir a Ginástica na escola (BETTI, 1991). Além disso, ocorre a criação de diversas escolas de Educação Física, cujo objetivo principal era a formação militar (RAMOS, 1982). No entanto, a Educação Física começa a ganhar destaque perante os objetivos do governo a partir da segunda fase, do Brasil República, após a criação do Ministério da Educação e Saúde. Nessa época, a Educação Física é inserida na Constituição Brasileira e surgem leis que a tornam obrigatória no ensino secundário (RAMOS, 1982).

Na intenção de sistematizar a ginástica dentro da escola brasileira, surgem os métodos ginásticos (gímnicos). Oriundos das escolas sueca, alemã e francesa, os quais conferiam à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, na qual o exercício físico deveria ser utilizado para a aquisição e a manutenção da higiene física e moral (Higienismo), preparando os indivíduos fisicamente para o combate militar (Militarismo) (DARIDO E RANGEL, 2005). No Período que compreende o pós-2ª Guerra Mundial, até meados da década de 1960 (mais precisamente em 1964, início do período da Ditadura brasileira), a Educação Física, nas escolas, mantinha o caráter gímnico e calistênico do Brasil República (RAMOS, 1982). Com a tomada do Poder Executivo brasileiro, pelos militares, ocorreu um crescimento abrupto do sistema educacional, uma vez o governo planejou usar as escolas públicas e privadas como fonte de programa do regime militar (DARIDO e RANGEL, 2005).

Naquela época, o governo investia muito no esporte, buscando fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, a partir do êxito em competições esportivas de alto nível, eliminando, assim, críticas internas e deixando transparecer um clima de prosperidade e desenvolvimento (DARIDO e RANGEL, 2005). Fortalece-se, então, a ideia do esportivismo,

no qual o rendimento, a vitória e a busca pelo mais hábil e forte estavam cada vez mais presentes na Educação Física.

É importante que o professor de Educação Física se conscientize sobre a necessidade de se buscar uma integração fundamentada em uma visão do homem como um todo, e não, como, na maioria das vezes, atuando apenas como descobridor de talentos de futuros atletas de modalidades esportivas.

O exercício do movimento, por exemplo, pode ser compreendido como uma atividade que se manifesta através de diversos procedimentos como jogos, danças, ginásticas e modalidades esportivas diversas. Porém, na escola tem-se escolhido o ensino do esporte, praticamente, como única estratégia de ensino (GUERIERO e ARAÚJO, 2004). É fácil de perceber este fato no cotidiano escolar; basta fazer uma visita a alguma escola, no horário de Educação Física.

Isso tem a ver, deveras, com o processo formativo dos professores de Educação Física e com o papel historicamente atribuída a tal disciplina nas escolas. Segundo Soares (1996), o esporte torna-se prática na Educação Física a partir de uma visão militar, no Brasil. Embora suas justificativas e em seus objetivos apontem finalidades mais abrangentes, como o desenvolvimento do sentimento de grupo, de cooperação, de respeito e de civilidade, o objetivo da Educação Física oferecida, pela escola, acaba se reduzindo à aprendizagem do esporte, ficando a ginástica e a corrida, por exemplo, entendidas como simples aquecimento. A expressão, a criação e a comunicação ficaram em segundo plano e foram substituídas pelo ensino do esporte (GUERIERO e ARAÚJO, 2004).

De acordo com Gueriero e Araújo (2004), tal prática da Educação Física escolar tende a apresentar uma crescente esportivização de suas aulas em algumas séries do Ensino Fundamental. Este caráter esportivizado, no qual modalidades esportivas coletivas tradicionais são usadas sem fundamentação teórica que garanta os seus aproveitamentos como conteúdos acadêmicos, prejudica a Educação Física como disciplina, em relação ao seu crescimento e alcance de seus objetivos mais amplos. Apesar de se remeter ao esporte alguns objetivos, tais como a saúde, a moral e o valor educativo, ele não o será, a menos que um professor/educador faça do esporte um objeto e um meio de educação, a partir do trabalho voltado para o rendimento técnico (desempenho) e por critérios de avaliação de competência atlética, os quais englobam desde a frequência aos “treinos”, o resultado dos jogos e o empenho individual de cada “aluno-atleta”. No decorrer dos anos, a sociedade construiu uma visão sobre a Educação Física entendendo que o espaço e o tempo escolar vinculam-se ao

fenômeno esportivo, ou seja, o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores desta disciplina.

A compreensão do que significa ensinar/aprender esporte não é tão simples, apesar de a ideia, muito comum, de que ensinar um esporte é ensinar a praticá-lo. Conhecer o esporte não significa apenas saber executá-lo, mas, também saber suas regras, sua história, sua inserção sociopolítica. Todavia, as aulas de Educação Física, no Ensino Médio, têm se resumido, muitas vezes, à prática dos fundamentos de algumas modalidades esportivas e à execução dos gestos técnicos esportivos.

Esse aspecto possibilita a realização de uma proposta pedagógica da Educação Física, que apresenta uma prática esportiva fundamentada numa visão crítica do fenômeno esporte. Ciente de que todo profissional de Educação Física necessita de uma base teórica para orientar sua prática pedagógica, faz-se necessário repensar o esporte no contexto escolar.

A dimensão do saber, que envolve as curvas de visibilidade e os regimes de enunciação, corresponde às curvas e aos regimes de fazer ver e falar o esporte como eixo regulador curricular da Educação Física na escola. Contudo, é possível observar que o esporte, nesse contexto, caminha em direção a um processo de esportivização. Conforme explica González (2008, p. 170), esportivização consiste no: “[...] ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno”. O saber que tem delineado as práticas curriculares da Educação Física é o esporte, ou ainda, um tipo específico de dizer e ver o esporte. São determinadas modalidades esportivas – os esportes coletivos e principalmente o futebol – trabalhadas com base em algumas características do esporte de alto nível: ênfase na competição, exclusão dos menos habilidosos. Além disso, cabe ressaltar que esse saber busca se afirmar no lócus da Educação Física por meio de disputas constantes com outros saberes. Há, pois, uma tensão permanente pela hegemonia curricular da Educação Física. Uma tensão que, como alerta Vago (1996), também se estabelece no modo como o esporte ocorre nas aulas de Educação Física, na escola. Ao discordar de Bracht (1992), Vago (1996) afirma que um processo de negociação e tensão permanente é desencadeado entre o esporte de rendimento e o esporte escolar. Assegura, também, que a escola e as aulas de Educação Física produzem o seu próprio esporte, por meio da tensão entre os diferentes modos de fazer esporte. Importa destacar que os esportes são conteúdos previstos no currículo do componente e não se nega sua importância, porém, algumas modalidades têm ocupado espaço demasiado diante da gama dos saberes da Educação Física possíveis de serem trabalhados na escola, bem como os

modos de tratá-los. São justamente essas dimensões privilegiadas nas práticas curriculares da disciplina que aqui se denomina esportivização, nomeando o dispositivo em questão.

Nessa fase da vida, os alunos estão passando pelas transformações e turbulências típicas da adolescência. Existem várias definições que buscam caracterizar esse período em diferentes dimensões (psicológica, física, social etc.), mas, de maneira geral, há um consenso em relação a fase que se caracteriza por ser um momento de transição entre a infância e a juventude. De certo modo, os primeiros anos da adolescência têm muito em comum com os primeiros anos da infância. Durante a puberdade, tanto os meninos quanto as meninas têm um aumento acelerado de peso, de altura e do desenvolvimento muscular e esquelético, o que pode afetar o desempenho do aluno nas aulas de Educação Física, no que diz respeito à força física, por exemplo. Além de as mudanças diretamente relacionadas à puberdade, há mudanças fisiológicas que influenciam o desempenho físico dos alunos de ambos os sexos.

Nota-se que o planejamento e as práticas das aulas de Educação Física não levam em consideração a realidade dos educandos, dado que, geralmente, estão voltadas para os jogos coletivos e as atividades que contribuem para a preparação física e tática das equipes em vista do desempenho em diferentes modalidades de jogos. Nessa prática são privilegiados os alunos com alguma capacidade esportiva.

Diante disso, as questões que surgem são: como se comportam os alunos e alunas não-atletas? As aulas de Educação Física, no Ensino Médio, ao priorizar a esportivização, acabam sendo discriminatórias no entendimento dos alunos? Além disso, por que os jovens e adolescentes, muitas vezes, não participam ativamente das aulas de Educação Física? A esportivização é uma das causas desta atitude? Como os alunos avaliam a falta de disposição para participarem das atividades esportivas?

O professor de Educação Física tem como uma de suas funções ser um socializador da cultura do corpo e da vida integral. Para tanto, é preciso que sua aula venha a se transformar num ambiente de riqueza cultural que estabeleça um trampolim para a crítica ao descuido do corpo e da própria vida. O professor, como socializador de uma vida saudável, deve observar que o adolescente possui interesses diferenciados e necessita ser estimulado para desenvolver hábitos e atitudes voltados ao cuidado do corpo.

Atualmente, porém, o que se percebe é que tal forma de proceder nem sempre ocorre e os conteúdos estão se tornando repetitivos, enfadonhos e pouco voltados aos interesses dos jovens do ensino médio. É importante salientar que não se está propondo práticas de interesse individual e, sim, de conteúdos diversificados e coletivos que busquem contemplar os interesses de todos os envolvidos em um processo educativo. Somente assim, os diferentes

interesses entre os adolescentes irão se transformar em uma imensa riqueza e principal fonte de entendimento do paradoxal fenômeno da motivação humana. Por isso, é essencial, para o professor de Educação Física escolar, conhecer os fatores que envolvem a motivação, pois ele não trabalha apenas com atletas, mas, principalmente, com adolescentes, os quais são obrigados a frequentar as aulas. Com isso, o professor precisa estar atento ao grupo, pois nem todos os seus alunos encontram prazer ou estão interessados nas atividades oferecidas durante suas aulas.

O período da adolescência vem sendo discutido por muitos autores como sendo um momento crítico do desenvolvimento humano. Alguns enfatizam as modificações internas do indivíduo, outros se preocupam em abordar elementos sociais. Observa-se, atualmente, que o período da adolescência vem se prolongando cada vez mais. Enderle (1988) afirma que isso se deve à diminuição da infância, provocada por razões sociais, econômicas, ideológicas, culturais e físicas. Por essas e outras razões, o adolescente acaba por enfrentar as novas mudanças no seu cotidiano de forma mais prematura, o que pode vir a gerar um conflito de ideias, resultando em muitas dúvidas e numa séria crise de identidade. Quando isso ocorre, é necessário o acompanhamento de pessoas experientes que estão envolvidas no processo. Os professores, de maneira geral, podem auxiliar o adolescente tentando descobrir a causa de suas preocupações, às vezes, o problema pode estar até mesmo na própria aula de Educação Física, ou seja, a disciplina pode ser desmotivadora, ou até mesmo o grupo de amigos pode prejudicar a realização das atividades propostas pelo professor. Ao se priorizar a esportivização nas aulas de Educação Física, muitos alunos e a alunas optam por não participar ativamente destas aulas por não terem habilidades para a prática de determinada modalidade esportiva, desenvolvida na aula, e também por medo de se tornarem objeto de zombaria dos colegas pela falta de destreza no domínio do esporte praticado.

Uma constatação preliminar indica que muitos optam em não participar das aulas alegando que não gostam de praticar esportes em razão das práticas serem prioritariamente voltadas à esportivização.

1.2 Justificativa

A Educação Física, no decorrer dos últimos anos, passou de um mero instrumento de preparação do corpo do homem para a guerra ou para as atividades esportivas, para um dos processos mais coerentes e integrais de formação psicomotora e sociocultural dos indivíduos.

É possível perceber, então, que a Educação Física passou por profundas modificações, consequências do processo histórico, ainda em mutação, sendo que este continuará ocorrendo no decorrer dos anos. Há um tempo, as mudanças pareciam ocorrer de forma mais lenta. Na contemporaneidade, com a velocidade na transmissão de informações e com a facilidade de acesso a novos estudos e publicações, acredita-se que as mudanças acontecerão de forma mais rápida e mais abrangente. Todos os processos de evolução estão interligados à história do mundo. É impossível separar história, sociedade e política dos movimentos proporcionados pela classe defensora da Educação Física. Esses aspectos – história, sociedade, política e os movimentos proporcionados pelos educadores físicos – sustentam e formam a base do contexto atual da Educação Física Mundial. A evolução da história da Educação Física passou por várias fases; algumas positivas e outras negativas.

Estas fases construíram o conceito de Educação Física, a qual ocupa, na atualidade, a posição de destaque que possui na sociedade. E as fases que virão tornarão a prática da Educação Física, seja ela escolar ou não, mais profissional e mais difundida, com objetivos cada vez mais definidos e específicos. O acesso à Educação Física está sendo defendido e proporcionado em escala maior para toda a população, independente de classe social, idade, condição física, cor, religião, opção sexual ou alguma deficiência física, motora ou mental.

Muitos educadores justificam a inclusão da Educação Física nos currículos escolares por meio da contribuição da atividade esportiva na socialização dos alunos (MATTOS; NEIRA, 2008). Nesse sentido, o adolescente e o jovem, através do esporte, aprendem que entre eles e o mundo existem os outros, aprendem a conviver com as vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal, desenvolvem a independência e a confiança em si mesmos, o sentido da responsabilidade etc. (MATTOS e NEIRA, 2008).

Conforme Libâneo (1985, p. 39), “[...] os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente, em face da realidade social”. Nessa perspectiva, veremos que o principal vetor de tais características, não só no ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento, mas também, na Educação Física como um todo, é o esporte, dividido em modalidades que se tornam conteúdos e são utilizados no intuito de alcançar os objetivos propostos pelos educadores.

De fato, podemos perceber que através do esporte, muitas virtudes podem ser trabalhadas e, conseqüentemente, diversos objetivos podem ser alcançados, pois “[...] o movimento que a criança realiza num jogo tem repercussões sobre várias dimensões do seu comportamento.” (BRACHT, 1992 apud RANGEL-BETTI, 1997, p.39). E, valendo-se dessas

repercussões, diversas questões do cotidiano social dos indivíduos podem ser trazidas para a escola e, pedagogicamente, trabalhadas para serem compreendidas e proporcionarem maneiras pelas quais as crianças poderão atuar nesta sociedade. Porém, ao se pensar dessa forma, é possível estarmos perseguindo uma utopia cada vez mais afastada da realidade, porque “[...] quando escolhemos alguns conteúdos escolares e omitimos outros, revelamos interesses relacionados a uma visão política, econômica e social do mundo” (FREITAS, 1994, p. 56) e a Escola/Educação Física, embora fazendo parte de um sistema social maior, não aproveitam, de modo geral, as contradições existentes na sociedade como objeto de sua abordagem pedagógica. As abordagens pedagógicas da Educação Física podem ser definidas como movimentos engajados na renovação teórico-prático com o objetivo de estruturação do campo de conhecimentos, que são específicos da Educação Física. Entendemos que a abordagem pedagógica é determinante no processo educativo, pois, de acordo com a abordagem que elegemos, ela guiará a ação pedagógica docente.

Diferente disso, ainda predomina em sala de aula uma abordagem pedagógica autoritária, na qual o professor é um locutor pouco preocupado com o ouvinte, exercendo a posse exclusiva do objeto do conhecimento, transmitido acriticamente e despido de categorias históricas e onde inexiste a reversibilidade no discurso. Por outro lado, existem tentativas de práticas docentes dialógicas, nas quais o discurso pedagógico se encaminha para o intercâmbio crítico entre professor e estudantes sobre objetos de conhecimento tomados como objetos de estudo. Desse modo, busca-se uma sistematização própria considerando a linguagem e conhecimento comuns do estudante e alcançando níveis mais elaborados sob a direção do professor que obtém reversibilidade e é reconhecido como autoridade.

Os conteúdos são instrumentos utilizados para se alcançar objetivos em um planejamento, seja ele bimestral, trimestral, semestral ou anual. Deve-se ter em mente que os “[...] objetivos de um plano de trabalho não são aquilo que se vai dar ao aluno como atividade, mas sim o que se espera dele como resultado da aprendizagem.” (LIBÂNEO, 1986 apud MELLO; BRACHT, 1992, p.06). Assim, tais conteúdos são interpretações recortadas de realidades indissociáveis da contemporaneidade dos indivíduos, com profunda ligação com seu significado histórico e social.

Na dinâmica da Educação Física, sobretudo no ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento, o conteúdo que melhor satisfaz a maioria das pretensões dessa disciplina é o esporte, que será contextualizado mais à frente.

Porém, existem muitas outras possibilidades referentes à cultura de movimentos como, por exemplo, os aspectos culturais (no caso da cultura de movimentos) de determinado

grupo com que se está trabalhando. Por intermédio desses temas, os indivíduos são levados a um “conhece-te a ti mesmo” (SÓCRATES apud GHIRALDELLI, 1989, p.56), ou seja, apresentando-lhes uma alternativa na qual possam se descobrir enquanto seres históricos concretos, inseridos em uma sociedade de classes, que possuem interesses divergentes e quase sempre antagônicos.

Por meio da tematização da cultura corporal pode ser estabelecida uma associação entre o movimento humano e os aspectos histórico-sociais. Isso pode ser verificado em várias manifestações como a capoeira e o boi-de-mamão. Nesse sentido, a partir da utilização desses temas, o professor pode desencadear discussões sobre lutas sociais, racismo e economia, bem como os aspectos históricos das tradições de um determinado povo, trazidas pelos imigrantes, já tendo em mente, também, o porquê da vinda desses imigrantes e sua implicação na maneira de ser e de viver de um determinado grupo de indivíduos. Segundo Freire (1991 apud GADOTTI, 1989, p.74), “[...] não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É necessário compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho.”

Também é válido salientar que “[...] a proposta pedagógica dos conteúdos aponta para as classes subalternas que estão desprovidas de todo acúmulo cultural dominado por uma minoria” (OLIVEIRA, 1989, p.09). É possível confirmar isso, pela grande diferença de aproveitamento da cultura erudita e da cultura popular. Como a cultura popular não é valorizada, ocorre uma invasão cultural, oriunda de grupos dominantes no contexto cultural das classes subalternas, e impondo sua visão de mundo, enquanto lhes freia a criatividade, inibindo sua superação.

Pode-se dizer que, na educação, a cultura erudita prevalece como principal fonte de conteúdo, e, como consequência, a grande massa popular absorve o saber produzido por uma minoria dominante, de forma que interesses como obediência, respeito à hierarquia, humildade, submissão e capacidade de repetição, são alcançadas facilmente. Em conformidade, Freitas (1994, p. 58) aponta que “[...] o conhecimento lhes é dado como um cadáver de informação, um corpo morto de conhecimento sem uma conexão viva com a realidade deles”.

Desse modo, a partir do momento em que os conteúdos tiverem uma ligação orgânica com as realidades sociais, ou seja, incorporarem a cultura escolar, começará, então, as mudanças. Diante disso, seria possível proporcionar condições para a emancipação do educando e a transformação do projeto de sociedade. Deve-se ter em mente que “[...] a educação escolar não pode ser pensada como algo neutro em relação ao mundo, mas como

algo que produz na sua própria dinâmica, caminhos diferenciados para a ação social concreta em função de interesses e necessidade do próprio educando” (RODRIGUES apud BARCELOS, 1989,p. 39).

Talvez o ponto inicial, nesse processo, seria uma interação no ato educativo, do saber sistematizado (acumulado pela humanidade) com o saber cotidiano (produzido pelas relações sociais) e aí, quem sabe, as “receitas de bolo” alienantes poderiam adquirir características crítico-emancipatórias, contribuindo para a formação do cidadão consciente. Contudo, uma mudança efetiva não é tão simples, pois

[...]não basta levar à sala de aula conteúdos criticamente selecionados e estrategicamente organizados, é necessário que professores e alunos se transformem, no cotidiano de suas práticas, em sujeitos do seu ensinar e do seu aprender do ato mesmo do ensino/aprendizagem. (MARQUES, 1989, p. 24).

Ademais, também nessa perspectiva, a escolha dos conteúdos expressa um caráter ideológico, pois além de englobarem o cotidiano e as questões sociais, dão ao educador uma visão mais global/universal, situando-o no “campo da esquerda” na construção da sociedade socialista. E tendo em vista as grandes desigualdades, sobretudo econômicas, que o capitalismo vem proporcionando, evidencia-se a busca de uma nova hegemonia.

As práticas pedagógicas aplicadas nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio, na cidade de Pato Branco-PR, estão voltadas exclusivamente pelas práticas desportivas, sendo que essas práticas ocorrem diariamente em todas as aulas, seja por acomodação do profissional ou pela sua não qualificação.

Os próprios alunos, muitas vezes, praticam as aulas e não sabem o porquê daquelas atividades, o que causa entre eles uma certa desmotivação, a qual até os próprios professores não sabem explicar. A Educação Física está passando por uma crise de identidade, cujo motivo pode ser encontrado dentro da sua própria história, por exemplo, primeiramente a Educação Física foi criada para valorização da saúde, mais tarde para formar soldados, e hoje? Tem o propósito de formar quem? Ou o quê exatamente? Por ter passado por tantas fases e objetivos diferentes, na atualidade, a Educação Física não tem um currículo definido para o Ensino Médio, então, os professores ministram suas aulas conforme suas concepções e aprendizado decorrente de sua formação acadêmica. Somando-se a isso, a Educação Física é pouco valorizada, até mesmo pelos outros professores e pelas políticas públicas governamentais, pelas escolas e Secretarias de Educação, cuja situação é ilustrada por Rose Marilda Robles Patrício, ao dizer que as escolas e Secretarias de Educação quase não indicam

livros de Educação Física para os alunos, assim como indicam livros de Português e de Matemática. Os professores de Educação Física, muitas vezes, não recebem apoio nem da própria escola e, frequentemente, não são incluídos em reuniões e Conselhos de Classe, os próprios alunos não consideram os conteúdos importantes para sua futura vida profissional, além disso, muitas escolas disponibilizam de pouca ou nenhuma estrutura física e materiais para o desenvolvimento das aulas dessa disciplina. Outro motivo que pode vir a ser uma dificuldade encontrada pelos professores é justamente a desmotivação dos alunos, os quais, no Ensino Médio, estão preocupados com o vestibular ou com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), cujas provas não contemplam conteúdo da Educação Física. A preocupação desses alunos são, pois, com as disciplinas mais complexas, sendo que alguns acabam perdendo o interesse na Educação Física (SILVA, 2011).

As crianças e os adolescentes estão deixando de praticar exercícios físicos, sendo um fato visível, pois não se vê mais crianças e adolescentes na rua, brincando, jogando ou praticando algum tipo de atividade física. Isso reflete na mídia também, os motivos desse declínio da atividade física habitual são vários, a falta de espaço de lazer, medo da violência e o grande avanço tecnológico, fatores que antes eram notados apenas em grandes centros, hoje já influenciam cidades pequenas. Esses fatores que impedem as pessoas de praticar algum exercício físico, acaba acomodando grande parte da população, causando um quadro de sedentarismo generalizado.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa consiste em:

Analisar a reação dos alunos frente à esportivização nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio, em duas escolas públicas estaduais, no município de Pato Branco, no Estado do Paraná.

1.3.2 Objetivos específicos

A partir do objetivo geral, os objetivos específicos podem ser, assim, definidos:

- (i) Detectar a presença da esportivização da Educação Física nas aulas desenvolvidas pelos professores do Ensino Médio.
- (ii) Reconhecer os principais motivos que levam jovens e adolescentes a não participarem ativamente das aulas de Educação Física, no Ensino Médio.
- (iii) Identificar se as aulas de Educação Físicas, no Ensino Médio, são ou não discriminatórias.
- (iv) Verificar as reações dos alunos não atletas durante as aulas de Educação Física, no Ensino Médio.

1.4 Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em quatro partes, quais sejam: na Introdução focamos o problema, a justificativa, os objetivos da pesquisa e a estrutura de organização da dissertação. No segundo capítulo, descreve-se a metodologia da investigação, apresenta dados sobre população e amostra, locais da pesquisa, e o desenho da pesquisa. Na sequência, no capítulo 3, apresentamos uma breve análise histórica da Educação Física, no Brasil, procurando identificar a origem da formação voltada à esportivização. Analisamos também neste item a proposição da BNCC, de 2017, para a Educação Física, no âmbito do Ensino Médio. No capítulo 4, apresentamos os dados coletados, acompanhados de uma análise estatística e qualitativa dos mesmos. Na conclusão, além da apresentação dos principais resultados, são apontadas algumas proposições que podem contribuir para o desenvolvimento de uma Educação Física escolar mais humanizadora e mobilizadora da aprendizagem dos alunos.

Cabe destacar, aqui, que o projeto desta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo, processo número 22977419.3.0000.5342, recebendo parecer favorável.

2 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Com a finalidade de atender os objetivos desta pesquisa, cujo teor investigativo contempla a participação dos alunos nas aulas de Educação Física, em escolas públicas do Ensino Médio, no município de Pato Branco – Paraná, foram adotados os procedimentos metodológicos, a seguir, descritos.

Cabe destacar que a construção deste trabalho parte da discussão e desenvolvimento do referencial teórico que sustenta esta investigação. Iniciaremos pelo levantamento de referências necessárias e inerentes à pesquisa utilizando a pesquisa bibliográfica da literatura especializada no tema. Nesse sentido, este trabalho configurou-se como uma pesquisa de campo do tipo exploratória, pois o próprio ambiente escolar foi utilizado como local para o levantamento de dados (TRIVINOS, 1992).

A seleção das escolas, participantes do estudo, deu-se a partir do seu porte, referência utilizada pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR, para classificar as escolas, cujo porte varia de 01 a 11 (SEED, 2015). Assim, foram selecionadas em Pato Branco - PR as duas maiores escolas, de acordo com o seu porte. Primeiramente, contatamos a chefia do Núcleo Regional de Ensino (NRE), solicitando autorização para a realização da pesquisa nas escolas da rede estadual. Para a escolha dos dois estabelecimentos escolares, seguimos alguns critérios, descritos, a seguir:

- Colégios nos quais existem turmas de 1º, 2º e 3º séries do Ensino Médio;
- Colégios que tenham professores de Educação Física, profissionais habilitados em cursos do ensino superior;
- Colégios que se diferenciam entre si quanto às condições físicas e materiais para o ensino da Educação Física.

O procedimento adotado para a coleta de dados com os alunos do Ensino Médio foi a partir de um questionário estruturado, aplicado pelo pesquisador diretamente em sala de aula com intenção de se coletar dados referentes à participação dos alunos nas aulas de Educação Física, relacionados aos seguintes pontos:

- Detectar se as aulas são ou não discriminatórias;
- Verificar se os alunos participam ou não ativamente das aulas de Educação Física;
- Como ficam os alunos não-atletas durante as aulas de Educação Física;

- Reconhecer se o esporte prevalece ou não nas aulas.

O instrumento, em questão, consistiu em uma adaptação do questionário proposto por Gonçalves (1998), cujo objetivo foi o de analisar o pensamento de alunos portugueses em relação às condições educativas das aulas de Educação Física. Em geral, os pesquisadores recorrem a diferentes instrumentos para analisar o pensamento dos alunos. A diversidade de instrumentos, muitas vezes, dificulta a comparação de resultados entre as pesquisas realizadas no mesmo ramo. Desta forma, a utilização da mesma versão, adaptada à nossa língua e aos objetivos comuns desta e daquela pesquisa, oferece a oportunidade de compararmos os resultados sob condições semelhantes de coleta de dados.

2.1 O método da pesquisa

Esta pesquisa se enquadra nas características de uma pesquisa exploratória, de natureza quantitativa, cuja preocupação fundamental foi a de levantar a situação atual dos alunos que participam das aulas de Educação Física, no Ensino Médio, no município de Pato Branco, Estado do Paraná, Brasil. O método utilizado para a elaboração desta pesquisa será o método estatístico que, de acordo com Lakatos (2003), auxilia na obtenção de dados e a sua verificação. Além disso, através de dados quantitativos, é possível reduzir as áreas fenomenológicas e comprovar as relações entre estes fenômenos, aqui, de modo específico como ficam os alunos perante as aulas de Educação Física, no Ensino Médio.

A pesquisa quantitativa, com suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Assim, após a coleta dos dados, mediante condições de controle, aplicação de questionário, analisaremos os dados numéricos com base em procedimentos estatísticos.

2.2 População

A investigação da pesquisa teve como universo, conforme já mencionado, no decorrer deste estudo, uma população de discentes do Ensino Médio, da rede pública estadual, do município de Pato Branco. Conforme dados já apurados, a partir do site www.consultaescolas.pr.gov.br, o total de estudantes matriculados no Ensino Médio, na rede pública da cidade de Pato Branco é de 9.089 alunos.

Por conseguinte, optou-se por investigar duas escolas. A escolha ocorreu de forma deliberada e intencional, pois de acordo com Gómez, Flores e Jiménez (1996), na pesquisa qualitativa as pessoas ou grupos não são selecionadas ao acaso para completar uma amostragem de tamanho n , escolhe-se uma a uma de acordo com a vontade do pesquisador de maneira que atendam aos critérios ou atributos estabelecidos pelo pesquisador.

Os critérios estabelecidos foram: (i) duas escolas da rede pública estadual localizadas em bairros distintos da cidade de Pato Branco; (ii) facilidade de autorização para a realização da pesquisa; (iii) acesso em relação ao deslocamento do pesquisador, como localidades da pesquisa. Tais critérios, além de possibilitar a escolha das escolas, definem a população a ser estudada, no caso, discentes das instituições de ensino em que se processa a pesquisa e desta população trabalha com uma amostragem de 1.33% do total dos colégios estaduais, com 80% da população discente.

Entendemos população, pelo enunciado de Marconi (1999, p. 43-44), para a qual “[...] é um conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum e amostra como sendo [...] uma porção ou parcela, convenientemente selecionada do universo (população)”. Seguindo tais conceituações, identificamos a população investigada, a fim de tecermos um quadro real, de forma que, possamos ter condições de definir que mecanismos de pesquisa possam ser utilizados e com a finalidade de conseguir tais amostras, utilizamos duas técnicas que são: amostragem aleatória simples e amostragens sistemática não-participante. Nesta pesquisa, trabalhamos com a técnica de amostragem sistemática não participante, já que a população a ser pesquisada encontra-se ordenada.

Definimos o alvo populacional, desta pesquisa, como um conjunto de sujeitos com características em comum, no caso, alunos das três séries do Ensino Médio. A técnica utilizada para determinar a parcela da população investigada foi a de amostragem aleatória simples, por grupos; segundo Marconi (1999), é rápida, barata e eficiente, e vem atender às necessidades desta pesquisa, por atingir essencialmente o conjunto investigado, no caso, alunos de todas as séries do Ensino Médio, pertencentes, exclusivamente, a uma instituição de ensino, isto é, não estão estudando em outras instituições educacionais de ensino. Marconi (1999) ressalta a importância de os sujeitos pesquisados pertencerem apenas a uma determinada localidade escolar. Assim, pautados em tal prerrogativa, definimos o universo populacional, elegendo duas (02) instituições de ensino da rede pública estadual, na cidade de Pato Branco. Além disso, essa escolha dos colégios se deu em razão de haver alunos no primeiro ano do Ensino Médio.

Ainda, conforme Marconi (1999), a maior dificuldade que encontramos neste tipo de amostragem, por conglomerado, é que as populações raramente são do mesmo tamanho. Nesse sentido, a autora indica que a solução mais plausível é a utilização de técnicas estatísticas. Porém, esses problemas não se aplicam às escolas selecionadas para a elaboração do presente estudo, já que essas instituições têm um número-limite de 40 alunos por sala de aula.

Em suma, o quantitativo populacional desta pesquisa é de 484 alunos pertencentes às três séries do Ensino Médio, da rede pública estadual, nas quais foram aplicados questionários para um total de 484 alunos, correspondendo a 100% da amostragem populacional de discentes.

A escolha da população pautou-se de forma a diagnosticar as realidades distintas. Desse modo, escolhemos como alvo da pesquisa instituições de ensino, distantes geograficamente, cuja comunidade escolar apresenta características sociais diferenciadas e os aspectos comunitários dos bairros a que pertencem também são diferenciadas.

2.3 Descrição da amostra

O total de alunos matriculados no Ensino Médio, nas escolas públicas, do município de Pato Branco-PR, é de 9.089¹ alunos. A população selecionada para a pesquisa pertence ao Colégio Estadual La Salle, com 259 alunos e ao Colégio Estadual de Pato Branco, com 225 alunos, perfazendo um total de 484 alunos pesquisados.

O Colégio Estadual La Salle está localizado no Bairro La Salle, na Rua Ararigbóia, 891. Desenvolve atividades educativas desde 12.01.1971, oferecendo o Ensino Fundamental e Médio, atende a clientela estudantil do seu bairro, centro e outros bairros localizados nas proximidades, possuindo, aproximadamente, 1000 alunos matriculados. A comunidade escolar é composta, em sua maioria, por alunos de classe média/baixa com renda familiar em torno de 1 a 10 salários mínimos, e conta com um quadro de 17 funcionários e 81 professores.

O Colégio Estadual de Pato Branco, está localizado no Bairro Jardim Primavera, na Rua Argentina, 624. O Colégio vem desenvolvendo atividades educativas desde 20 de fevereiro de 1978, oferecendo o Ensino Fundamental, Médio e Profissional, contando com 19 funcionários e 120 professores. Por estar localizado próximo ao centro da cidade, atende

¹ Disponível em: www.consultaescolas.pr.gov.br. Acesso em: 22 ago. 2019.

alunos, filhos de pequenos empresários, profissionais liberais, trabalhadores do comércio, da indústria, e pequenos proprietários rurais. Possui 1785 alunos matriculados.

A definição dos locais para a realização da pesquisa deu-se com o intuito de apresentar uma amostragem de contextos diferentes da cidade, visando obter-se uma amostra mais significativa da população, abrangendo as localidades geográficas da cidade, leste e oeste, o que pode possibilitar uma observação mais fiel à pesquisa. Para Oliveira (2002), toda pesquisa que busca explicar situações problemáticas, nas quais estuda e analisa, deve apresentar, ao final, interferências, conclusões e sugestões necessárias para que não fiquem dúvidas quanto ao teor do trabalho, ou seja, a pesquisa deve demonstrar fidedignidade com relação ao tema investigado.

2.4 Coleta de dados

No que se refere à coleta de dados, Cervo (2002) salienta a especial atenção que todo pesquisador deve ter em uma pesquisa organizada e planejada, se quiser que os resultados sejam úteis e fidedignos. Segundo o autor, os instrumentos utilizados para se conseguir uma boa coleta de dados, são: a entrevista, o formulário e o questionário.

Para esta pesquisa, recorreremos à utilização do questionário que, de acordo com Cervo (2002), é um instrumento que possibilita averiguar com melhor exatidão o que se deseja investigar, pois segundo o autor, a palavra questionário, refere-se a um meio de se obter respostas do próprio informante e pode ser preenchido tanto pelo investigador, quanto pelo investigado.

Os questionários, segundo Cervo (2002), classificam-se em três formas distintas: perguntas fechadas, com respostas objetivas e de fácil codificação e análise; os questionários de perguntas abertas, com respostas dissertativas, que possibilita a obtenção de respostas livres, porém proporcionam um grau maior de dificuldade na codificação e análise das informações; e, por fim, o questionário misto, elaborado com perguntas abertas e fechadas e que proporciona a obtenção de um grau maior de informações, no entanto, tem um grau elevado na codificação e análise das respostas.

O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

Assim, nas questões de cunho empírico, é o questionário uma técnica que servirá para coletar as informações da realidade vivenciada pelos alunos pesquisados.

De acordo com Markoni e Lakatos (1990), o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade. Em sua organização, é preciso levar em conta os tipos, a ordem, os grupos e a formulação das perguntas, também, tudo aquilo que se sabe sobre percepção, estereótipos, mecanismos de defesa, liderança etc. (MARKONI E LAKATOS, 1990).

A fundamentação teórica, aqui, disposta traz distintas concepções de validade, isto é, apresenta uma exposição de diversas formas de aferir a validade, com ênfase em pesquisas quantitativas, e uma breve discussão sobre o contexto e a lógica subjacentes a cada concepção e a cada tipo de pesquisa científica. Ao final da seção, tais elementos estão relacionados. Dicionários definem validade como qualidade – ou condição – de válido. O termo válido, por sua vez, é definido como aquilo que tem valor, que é valioso; aquilo que tem saúde, que é sadio, são; aquilo que é vigoroso; aquilo que surte efeito, que é eficaz (FERREIRA, 2009). O mesmo termo é também definido como aquilo que contém premissas das quais a conclusão pode ser logicamente extraída (SACCONI, 2010).

2.5 Análise e interpretação dos dados

A obtenção dos dados é de fundamental importância para qualquer investigação, já que são os dados que dão ao pesquisador informações necessárias à sua pesquisa.

Para podermos analisar e interpretar os dados coletados, antes de tudo, é preciso tabulá-los. Conforme Lakatos (2003), é a forma de colocar os dados numa determinada ordem em uma tabela, a fim de facilitar a verificação das relações entre os dados. A tabulação desta investigação foi realizada com a utilização do programa de editoração eletrônica Excel, já que esse programa dá uma maior velocidade no processo de tabulação, além de economizar tempo e diminuir as margens de erros. Os gráficos tabulados e demonstrados, na planilha Excel, foram transportados para o programa Word para as análises dos resultados, compilados em forma de gráficos. A sequência da tabulação dos dados contempla as análises e interpretações do corpus obtido, em que Lakatos (2003) argumenta que são duas atividades distintas, mas estreitamente relacionados e, como processo, envolvem duas operações.

Para a citada autora, a análise representa a forma de o investigador mostrar as relações entre o fenômeno estudado e outros fatores, contextualizados com o objeto do estudo. Além disso, é necessário que o pesquisador seja detalhista na relação dos dados coletados, com a amostra estatística e com o problema investigado.

Lakatos (2003) define a interpretação como uma atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo as respostas, vinculando-as a outros conhecimentos. Tal conhecimento, citado pela autora, é uma ligação que o pesquisador deve fazer entre os conhecimentos anteriores e os conhecimentos adquiridos no processo de investigação, seja através de técnicas de observação ou de pesquisas bibliográficas.

A matriz teórica da pesquisa é de fundamental importância para o desenvolvimento de qualquer trabalho acadêmico ou pesquisa científica, já que não há pesquisa sem uma base teórica, alicerçada em autores que já firmaram suas pesquisas. O caso desta pesquisa tem seu estudo baseado em um tripé teórico que discorre acerca dos seguintes questionamentos: Como fica o aluno não atleta durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio, as aulas de Educação Física, no Ensino Médio, são discriminatórias e o porquê de os jovens e adolescentes não participarem ativamente das aulas de Educação Física, no Ensino Médio, o cotidiano do aluno nas aulas de Educação Física e o colégio público estadual, local de ambientação desta pesquisa. Os estudos que buscam compreender as atividades esportivas, a esportivação e todas as suas possibilidades têm impulsionado várias pesquisas no campo da Educação Física e áreas afins, ocasionando modificações nas chamadas “tendências tradicionais” do pensamento cartesiano e da Educação Física utilizados até então. A história da Educação Física, no Brasil, assim como a da Educação, em cada época, esteve ou está ligada à representação de diversos papéis determinados pelos interesses da classe dominante. Assim sendo, a Educação Física Escolar assumiu funções de acordo com diversas tendências: militarista, higienista, biologicista, pedagógicista etc., e que ainda hoje permeiam sua prática (GONÇALVES, 1997).

As tendências, acima, citadas foram questionadas e criticadas, principalmente, por apresentarem uma visão dualista do homem, ou seja, a separação corpo e mente/espírito, com objetivos voltados apenas ao aspecto corporal do indivíduo. As concepções atuais da Educação Física (Desenvolvimentista, Construtivista, Sistêmica, Crítico-Superadora), apesar de se apresentarem, muitas vezes, até antagônicas entre si, possuem em comum um pensamento filosófico total de homem, ou seja, o indivíduo é visto como uma unidade, numa preocupação com o ser humano.

2.6 O desenho da pesquisa

Organização é a base para qualquer investigação. Para que possamos organizar melhor uma pesquisa investigativa de cunho científico, há a necessidade de um roteiro prévio, ordenado por fases, as quais não devem ser quebradas, pois, como ressalta Barros (2000), o roteiro é um plano de orientação para o pesquisador, o que irá auxiliá-lo durante a sua pesquisa e também, em todos os procedimentos utilizados e os objetivos a serem alcançados.

Barros (2000) sugere ainda que para a realização de uma investigação, é necessário que haja a elaboração de um desenho metodológico, para uma melhor organização da pesquisa. De acordo com Lakatos (2000), o processo investigativo configura-se em fases: na fase 1, a seleção do tema e formulação do problema; na fase 2, pela formulação da hipótese, elaboração do anteprojeto e planejamento da pesquisa; já a fase 3, é composta pela coleta de dados que, por sua vez, deve ser precedida pela escolha da técnica a ser utilizada e da classificação e organização dos dados; na fase 4, deve-se interpretar os dados coletados; e, finalizando, na fase 5, a comunicação dos resultados e a elaboração de relatório final.

O presente estudo assume caráter quantitativo, na medida em que as informações coletadas e analisadas se referem a percepções, aspectos atitudinais e valores identificados nas relações entre alunos e a disciplina Educação Física. Trata-se, ainda, de pesquisa de caráter transversal, cuja investigação se dará em um curto espaço temporal.

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública da cidade de Pato Branco, Paraná, com turmas do Ensino Médio. As referidas turmas foram escolhidas em função das opções disponibilizadas pela escola e da concordância dos respectivos professores. A investigação buscou identificar atitudes, motivações, reações e percepções que pudessem indicar causas, implicações e consequências sociais e psicológicas da discriminação para os alunos.

A coleta de dados estruturou-se para garantir o levantamento de informações relevantes e fidedignas, em conformidade com os objetivos preestabelecidos, deixando claro o objeto de estudo a ser observado e inquirido e a forma como foram realizadas as análises. A análise do material coletado, de caráter quantitativo, foi realizada à luz de referencial teórico.

O tratamento das informações possibilitou entender o problema investigado e, sobretudo, a sutileza da ocorrência da discriminação nas aulas de Educação Física. Tanto a análise dos dados, como o tratamento das informações serão abordados à frente, em seções específicas.

3 EDUCAÇÃO FÍSICA: Aspectos Históricos

3.1 A História da Educação Física

Tudo começou quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver. Assim, o homem à luz de um conhecimento elementar executa os seus movimentos corporais mais básicos e naturais como correr, saltar, arremessar e puxar.

Como Educação Física, as origens mais remotas da história indicam seu início no ano 3000 a. C., na China. Um certo imperador guerreiro, Hoang Ti, pensando no progresso do seu povo pregava os exercícios físicos com finalidades higiênicas e terapêuticas além do caráter guerreiro. No começo do primeiro milênio, os exercícios físicos eram tidos como uma doutrina em razão das “leis de Manu”, uma espécie de código civil, político, social e religioso. Os exercícios físicos eram considerados indispensáveis às necessidades militares e ao desenvolvimento do caráter fisiológico e espiritual.

Buda atribuía aos exercícios o caminho da energia física, da pureza de sentimentos, da bondade e do conhecimento das ciências para a suprema felicidade do Nirvana, (no budismo, estado de ausência de sofrimento). O Yoga tem suas origens na mesma época retratando os exercícios ginásticos no livro “Yajur Veda” que além de ser um aprofundamento da Medicina, ensinava manobras massoterápicas e técnicas de respirar.

A civilização japonesa também tem sua história ligada à prática de exercícios, desde sua posição geográfica, banhada pelo mar, além de práticas guerreiras feudais: os samurais.

Dentre os costumes egípcios estavam os exercícios Gímmicos revelados nas pinturas das paredes das tumbas. A ginástica egípcia já valorizava o que se conhecem hoje como qualidades física, por exemplo: equilíbrio, força, flexibilidade e resistência, também já usavam, embora rudimentares, materiais de apoio como tronco de árvores, pesos e lanças.

Sem dúvida nenhuma, a civilização que marcou e desenvolveu a Educação Física foi a grega através da sua cultura. Nomes como Sócrates, Platão, Aristóteles, e Hipócrates contribuíram e muito para a Educação Física e a Pedagogia, atribuindo conceitos até hoje aceitos na ligação corpo e alma por meio das atividades corporais e da música. Conforme reflexões de Sócrates, “na música a simplicidade torna a alma sábia; na ginástica dá saúde ao corpo”. Os sistemas metodizados e em grupo, assim como os termos halteres, atleta, ginástica, pentatlo entre outros, são uma herança grega. As atividades sociais e físicas eram uma prática até a velhice lotando os estádios destinados a isso.

A derrota militar da Grécia para Roma não impediu a invasão cultural grega nos romanos que combatiam a nudez da ginástica. Sendo assim, a atividade física era destinada às práticas militares. A célebre frase “Men Sana in Corpore Sano” de Juvenal vem desse período romano. A queda do Império Romano também foi muito negativa para a Educação Física, principalmente com a ascensão do cristianismo que perdurou por toda a Idade Média. O culto ao corpo era um verdadeiro pecado sendo também chamado por alguns autores, de “Idade das Trevas”.

Como o homem sempre teve interesse no seu próprio corpo, o período da Renascença fez explodir novamente a cultura física, as artes, a música, a ciência e a literatura. A beleza do corpo, antes considerada uma visão pecaminosa, é novamente explorada surgindo grandes artistas como Leonardo da Vinci (1452-1519), responsável pela criação, utilizada até hoje, das regras proporcionais do corpo humano.

Consta desse período o estudo da anatomia e a escultura de estátuas famosas como, por exemplo, a de Davi, esculpida por Michelangelo Buonarroti (1475-1564). Considerada tão perfeita que os músculos parecem ter movimentos. A dissecação de cadáveres humanos deu origem à Anatomia como a obra clássica “De Humani Corporis Fábrica” de Andréa Vesalius (1514-1564).

A volta da Educação Física escolar se deve também, nesse período, a Vitorio de Feltre (1378-1466) que em 1423 fundou a escola “La Casa Giocosa” na qual o conteúdo programático incluía os exercícios físicos.

O movimento contra o abuso do poder no campo social chamado de Iluminismo, surgido na Inglaterra no século XVII, deu origem a novas Ideias. Como destaque dessa época os alfarrábios apontam: Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) e Johann Pestalozzi (1746-1827). Rousseau propôs a Educação Física como necessária à educação infantil. Segundo ele, pensar dependia do exercício de extrair energia do corpo em movimento. Pestalozzi foi precursor da escola primária popular e sua atenção estava focada na execução correta dos exercícios.

A influência na nossa ginástica localizada começa a se desenvolver na Idade Contemporânea e quatro grandes escolas foram responsáveis por isso: a alemã, a nórdica, a francesa, e a inglesa.

A escola alemã influenciada, por Rosseau e Pestalozzi, teve como destaque Johann Cristoph Friederick Guts Muths (1759-1839), considerado o pai da ginástica moderna. A derrota dos alemães para Napoleão deu origem a outra ginástica na Alemanha. A Turnkusnt, criada por Friederick Ludwig Jahn (1788-1825) tinha como fundamento o desenvolvimento da força e a coragem moral. “Vive Quem é Forte” era seu lema e sua formação quase nada

tinha a ver com a educação escolar. Era uma educação de natureza mais militar, destinada à guerra e à competição. Dando origem à Ginástica Olímpica, foi a escola alemã que inventou a barra fixa, as barras paralelas e o cavalo. A escola voltou a ter seu defensor com Adolph Spiess (1810-1858), que introduziu definitivamente a Educação Física nas escolas alemãs, sendo inclusive um dos primeiros defensores da ginástica feminina.

A escola nórdica escreve a sua história através de Nachteggall (1777-1847), que fundou seu próprio instituto de ginástica (1799) e o Instituto Civil de Ginástica para a formação de professores de Educação Física (1808). Por mais que um profissional de Educação Física seja desligado da história, pelo menos algum dia já ouviu falar em ginástica sueca, um grande trampolim para o que se conhece hoje. Per Henrik Ling (1766-1839) foi o responsável por isso, levando para a Suécia as ideias e Guts Muths após contato com o instituto de Nachteggall. Ling dividiu sua ginástica em duas partes: (i) a pedagógica – voltada para a saúde evitando vícios posturais e doenças, a militar – incluindo o tiro e a esgrima; (ii) a médica – baseada na pedagógica prevenindo também as doenças e a estética – preocupada com a graça do corpo. Alguns fundamentos ideológicos de Ling valem até hoje, tais como o desenvolvimento harmônico e racional, a progressão pedagógica da ginástica e o estado de alegria que imperam uma aula, embora isso dependa do astral e o carisma do profissional. Um dos seguidores de Ling, o major Josef G. Thulin, introduz novamente o ritmo musical à ginástica e cria teses individuais e coletivas para verificação da performance.

A escola Francesa teve como elemento principal o espanhol, naturalizado, Francisco Amoros Y Ondeano (1770-1848). Inspirado em Ravelais, Guts, Jahn e Pestalozzi, dividiu sua ginástica em: Civil e Industrial, Militar, Médica e Cênica.

Outro nome francês importante foi G. Dêmeey (1850-1917). Organizou congresso, cursos (inclusive o Superior de Educação Física), regeu o Manual do Exército e também era adepto à ginástica lenta, gradual, progressiva, pedagógica, interessante e motivadora.

A Calistenia foi, por assim dizer, o verdadeiro marco do desenvolvimento da ginástica moderna com fundamentos específicos e abrangentes destinados a população mais necessitada: os obesos, as crianças, os sedentários, os idosos e as mulheres.

Calistenia, segundo Marinho (1980) citado por Marcelo Costa (2009), vem do grego Kallos (belo), Sthenos (força) e mais o sufixo “ia”. Com origem na ginástica sueca, apresenta uma divisão de oito grupos de exercícios localizados, associando música ao ritmo dos exercícios que são feitos a mão livre e usando pequenos acessórios para fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos.

Os responsáveis pela fixação da Calistenia foram o Dr. Dio Lewis e a Associação Cristã de Moços, com proposta inicial de melhorar a forma física dos americanos que mais precisavam. Desse modo, a proposta baseava-se em uma ginástica simples, fundamentada na ciência e cativante. Em função disso, o Dr. Lewis era contra os métodos militares sob a alegação que tais métodos desenvolviam somente a parte superior do corpo e os esportes atléticos não proporcionavam harmonia muscular. Em 1860, a Calistenia foi introduzida nas escolas americanas.

A escola inglesa também teve alguma influência a partir do século XVIII e XIX. Tendo como principal defensor Thomas Arnold (1795-1842), embora não fosse o criador, sua proposta baseava-se nos jogos e nos esportes, antecipando o processo de esportivização. Essa escola contou também com a influência de Clias no treinamento militar.

A História da Educação Física no Brasil, teve grande influência na Ginástica Calistenica criada em 1829, na França, por Phoktion Heinrich Clias (1782-1854). O número 77 da Revista Educação Física (março de 1944, pp.40-43) traz, em artigo denominado “A Calistenia: Tipos de Exercícios que compõem uma classe”, a seguinte afirmação: “As classes de calistenia, coluna vertebral do Departamento de Educação Física da A.C.M., não compreendem uma série de exercícios escolhidos ao acaso ou combinados apressadamente, segundo ocorra ao professor”. Já, aqui, encontramos uma das principais características que justificam o grande potencial de disseminação da ginástica, neste caso a calistenia, durante o século XIX e início do século XX – a cientificidade/racionalidade sobre a qual a prática estava assentada.

Em artigo da revista Educação Physica (nº 2 de 1932, p.29) encontramos a definição de Calistenia de Cyro A. Moraes, à época diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. Segundo o qual, “designamos por Calistenia exercícios feitos sem aparelhos”. Moraes afirma ainda que “a história da Calistenia é uma parte da história da educação Physica.

Conforme Inezil Penna Marinho (19-), a ACM constituiu o primeiro núcleo de Calistenia, no Brasil, em 1893, quando chegou ao Rio de Janeiro. E, posteriormente, em São Paulo, que, juntamente com o Mackenzie College, tornou-se uma poderosa fonte de disseminação desta prática. O autor acrescenta que:

As ACMs fundadas em outras cidades, dentre as quais Belo Horizonte e Porto Alegre, continuam a difundir a Calistenia, que teve seu período áureo após a Segunda Guerra Mundial, quando chegou a ser adotada pelo Exército Nacional, utilizando ao invés de halteres, bastões ou massas, os fuzis. A própria Escola de

Educação Física do Exército, que sempre fora um ferrenho baluarte do Método Francês, promoveu várias demonstrações desse tipo (MARINHO, 19, p.61).

A proximidade da ACM com a instituição militar demonstra que a entidade se adequava aos objetivos do Estado para com a Educação Física. Como aponta Lino Castellani Filho (1988, 2008), o papel da Educação Física, nesse período histórico, direcionava-se ao “cumprimento – por parte do cidadão brasileiro – dos seus deveres para com a defesa da nação, frente aos perigos internos que se consubstanciaram, em novembro de 1935, no movimento batizado pelos militares de ‘intentona comunista’ e que se configurou na desestruturação da ordem político-econômica estabelecida, e também aos perigos externos, devido a eminência de um conflito bélico mundial. Além disso, em termos econômicos, Castellani Filho aponta que a Educação Física atenderia a necessidade de formação de uma força de trabalho fisicamente “adestrada e capacitada”, cabendo a ela zelar pela “preparação, manutenção e recuperação da força de trabalho do homem brasileiro” (CASTELLANI FILHO, 2008, p. 81). O autor aponta que a performance esportiva é simulacro, na educação física, da ordem da produtividade, eficiência e eficácia inerentes ao modelo de sociedade no qual, a brasileira encontra identificação.

3.2 A História da Educação Física no Brasil

O processo histórico da Educação Física Escolar, no Brasil, revela uma trajetória de heteronomia subordinada a interesses externos ao estabelecimento escolar e que variam com as mudanças políticas, sociais e educacionais vividas pelo país.

Em 1851, com a reforma Couto Ferraz, ocorre a inserção da Educação Física na escola, a qual incluiu a ginástica nos currículos das escolas públicas do ensino primário, onde surge oficialmente a figura do professor de ginástica.

De acordo com Darido (2003), em 1854, a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário, e a dança, no secundário. Com Rui Barbosa, em 1882, houve recomendação para que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e fosse oferecida para as Escolas Normais, em parte no Rio de Janeiro e nas Escolas Militares. Assim, somente em 1920 vários Estados começam a realizar suas reformas educacionais e incluem a Educação Física, com o nome de ginástica.

Sabemos que desde a constituição da Educação Física, na instituição escolar, no século XIX, o paradigma predominante era o da aptidão física e esportiva, norteado por uma visão mecanicista de sociedade.

A abordagem direcionada à Educação Física, nesse momento, é fortemente influenciada pela instituição militar e médica com a prática de exercícios sistematizados que foram ressignificados pelo conhecimento médico. O corpo nesse momento era alvo de estudos direcionados fundamentalmente das ciências biológicas.

Corroborando com esta assertiva, Bracht (1999, p. 73), assim, se posiciona:

Corpo aqui é igualado a uma estrutura mecânica – a visão mecanicista do mundo é aplicada ao corpo e ao seu funcionamento. O corpo não pensa, é pensado, o que é igual analisado pela racionalidade científica. A ciência é controle da natureza e, portanto, da nossa natureza corporal. A ciência fornece os elementos que permitirão um controle eficiente sobre o corpo e um aumento de sua eficiência mecânica. Melhorar o funcionamento dessa máquina depende do conhecimento que se tem de seu funcionamento e das técnicas corporais que construo com base nesse conhecimento.

Convém salientar que, desde a sua inclusão, no Brasil, a Educação Física sofreu influências das diferentes tendências ao longo da história educacional.

Em termos de tendências relacionadas à Educação Física, Giraldelli Junior (1988) e Darido (2003) situam-nas, assim:

- Educação Física Higienista (até 1930) - voltada para os hábitos de higiene e saúde. A prática da Educação Física é vista como necessária para a saúde, assepsia social e saneamento público, na busca de uma sociedade livre de doenças, através da disciplina escolar.

- Educação Física Militarista (1930- 1945) - visava à formação do cidadão-soldado, capaz de obedecer cegamente ao chamado da pátria. Nesta época, a Educação Física exercia o papel de formar indivíduos obedientes e adestrados. O objetivo maior era o ‘aperfeiçoamento da raça’ ou forjar ‘máquinas humanas’ através dos desportos. Nesta época foram criados os grandes centros de cultura física, ginástica olímpica, treinamentos especiais de artes marciais para o adestramento do homem para as batalhas. Ambas as tendências consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática.

- Educação Física Pedagogicista (1945-1964) - uma nova fase da Educação Física que busca integrar uma disciplina educativa por excelência através da escola. A ginástica, a dança e o desporto são meios da educação do alunado com a finalidade de ensinar regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações para o altruísmo, o culto a riquezas nacionais.

- Educação Física Competitivista (pós- 1964) - os procedimentos empregados nesta tendência são extremamente diretivos, a prática uma repetição mecânica dos movimentos.

Nesta época, a Educação Física é colocada como apêndice de um projeto que privilegia o treinamento desportivo para o Esporte de alto nível.

- Educação Física Popular (após a abertura democrática) - nesta tendência iniciaram as preocupações com as reivindicações dos partidos populares e dentre estas a Educação Física em função da ludicidade, da solidariedade e a organização e mobilização dos trabalhadores na tarefa de construção de uma sociedade efetivamente democrática.

- Educação Física com Tendência Social (atualidade) - busca de uma socialização da Educação Física. Preocupação com uma Educação Física voltada para a diversidade e para a inclusão; baseada no estudo das Teorias.

Todas essas tendências, agindo de forma mesclada sobre a escola, criaram uma situação que só veio dificultar a prática docente, pois:

Imbuído do ideário escolanovista (tendência humanista moderna), ele é obrigado a trabalhar em condições tradicionais (tendência humanista tradicional), ao mesmo tempo (tendência tecnicista) e, de outro, a pressão das análises sócio- estruturais da educação (tendência crítico- reprodutivista) (SAVIANI apud GADOTTI, 1994, p. 10).

No final da década de 1970 e início da década de 1980, surgem novas abordagens na Educação Física Escolar, (as quais veremos a seguir) e que, segundo Darido (2003, p. 3), “todas elas tendo em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, fruto de uma etapa recente da Educação Física”.

Somente em 1980, inicia-se um processo intenso de reflexão sobre a Área, a entrada das Ciências Sociais e Humanas na Educação Física, permitiu uma análise crítica ao paradigma da aptidão física e esportiva.

De acordo com Bracht (1999), o eixo central da crítica que se fez ao paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da Educação, e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças de classe.

A Educação Física absorveu a discussão no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para a transformação radical da sociedade capitalista, surgindo uma corrente denominada crítica e/ou progressista.

Observamos com o passar do tempo, que a Educação Física escolar sofreu uma significativa mudança no seu status em relação à sua inserção e seu fazer pedagógico na escola, quando ela transitou da condição de mera atividade extraclasse a componente curricular obrigatório, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB nº 9.394/96:

A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO); VI – que tenha prole. (BRASIL, 1996, ARTIGO 26, PARÁGRAFO 3º).

Ao se analisar a Educação Física, na perspectiva da LDB nº 9.394/96, percebemos que, finalmente, pelos textos legais, essa área de conhecimento libertou-se da visão biológica. Dessa forma, “retira-se, com essa redação, a camisa-de-força que a aprisionava nos limites próprios ao famigerado eixo paradigmático da aptidão física, à medida que a vinculava tão somente à busca do desenvolvimento físico do aluno”, conforme Castellani Filho (apud NEIRA, 2007, p. 41).

Ao final da década de 1990, no rastro das teorias críticas, o Ministério da Educação apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os quais constituem um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental de todo o país, com propostas curriculares para todas as áreas do conhecimento.

Em relação ao componente Educação Física:

A Educação Física Escolar pode sistematizar situações de ensino e aprendizagens que garantam aos alunos o acesso a conhecimentos práticos e conceituais. Para isso é necessário mudar a ênfase na aptidão física e no rendimento padronizado que caracterizava a Educação Física, para uma concepção mais abrangente, que contemple todas as dimensões envolvidas na prática corporal (BRASIL, 1997, p. 27).

É importante ressaltar que a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, a inserção dos Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como o novo contexto político e educacional influenciaram enormemente a Educação Física e seu papel na escola.

Diante disso, a disciplina da Educação Física é permanentemente avaliada e discutida quanto sua função formativa e humanizadora.

3.3 A Educação Física Escolar

No âmbito escolar brasileiro, o esporte competitivo teve sua grande evolução a partir de meados da década de 60, com a tendência competitiva da Educação Física, no Brasil. Nela buscou-se reforçar a nacionalidade brasileira através de atletas destaques (GHIRALDELLI JUNIOR, 1991).

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1998, p. 29) é fundamental que o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e as lutas sejam utilizadas como “[...] instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e de manutenção e melhoria da saúde”. É fundamental também, que se faça uma clara distinção entre os objetivos da Educação Física escolar e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e das lutas profissionais. Embora sejam uma fonte de informações, não podem se transformar em metas a serem almejadas pela escola, como se fossem fins em si mesmos. (BRASIL, 1998, p.29).

Apesar disso, a disciplina de Educação Física continua, na prática escolar, sendo fundamentada basicamente por modalidades esportivas, como: basquetebol, voleibol, handebol, futebol, futsal e atletismo; buscando assim, a aprendizagem das técnicas características de cada modalidade.

Quanto aos benefícios das atividades físicas, diversos estudos têm sido realizados, confirmando e ressaltando estes como sendo uma fonte da juventude, de bem-estar físico e psicológico, capaz de aliviar dores e evitar tensões, proporcionando maior disposição, ânimo e energia. Porém, quando se fala nesse tipo de atividade física não se está falando de cobrança de resultados, de aperfeiçoamento de movimentos, de vitórias ou derrotas.

O esporte, se bem explorado, é um dos caminhos que podem levar o adolescente a suprir essas necessidades. Porém, o jovem não pode empolgar-se demasiadamente neste possível sucesso pessoal, desligando-se de outras atividades, comprometendo, assim, a sua vida escolar. Outra consequência pode advir do insucesso na vida esportiva.

Georges Magnane (1969, p. 81), em seu livro Sociologia do Esporte, relata que para o jovem esportista “[...] o intelectual é, senão o inimigo, pelo menos o estranho”. Essa expressão é interessante quando se analisa o comportamento de alguns atletas-destaques que se afastam do meio escolar em nome do seu crescimento no meio esportivo. A fama de que profissionais ligados ao esporte são menos inteligentes talvez esteja associada a esse tipo de pensamento.

O principal objeto de estudo dessa cultura corporal circunda a percepção do corpo. Sua definição e as diversas maneiras que ele interage com o meio, uma vez que é possível discutir o corpo como uma construção corporal. Mauss (1974, apud DAOLIO, 1995, p. 38) considera os gestos e os movimentos corporais como técnicas criadas pela cultura, passíveis de transmissão ao longo das gerações e ainda a influência desta postura corporal no funcionamento biológico do corpo.

Outro estudioso, também citado por Daolio (1995), é Rodrigues (1986), que confere à sociedade certo número de atributos que elegem e configuram o homem, isto é, como ele deve ser tanto do ponto de vista intelectual ou moral, quanto do ponto de vista físico. É neste corpo que estão circunscritas a maioria das regras, normas e valores de uma determinada sociedade, percebidas por meio de comportamentos específicos como: sorrir, beijar, cumprimentar, comer etc.

É importante enfatizar que a expressão corporal não deve se limitar a uma simples classificação de movimentos e/ou de técnicas corporais. O corpo não é fruto apenas do biológico, sobre o qual a cultura impinge especificidades, ele é resultado da interação natureza/cultura.

A Educação Física escolar se legitima quando sua identidade é formalizada, ou seja, quando a prática pedagógica tematiza elementos da cultura corporal/movimentos. E ainda, quando os conteúdos abordados são contextualizados histórica e socialmente. Seria então, o grande “boom” transformador: o saber elaborado em saber escolar.

Essa transformação é o processo através do qual se selecionam, do conjunto do saber sistematizado, os elementos relevantes para o crescimento intelectual dos alunos e organizam esses elementos numa forma e/ou sequência tal que possibilite sua assimilação. Essa transformação deve ter seu ponto de partida no planejar dos conteúdos, isto é, implica tanto na leitura da sociedade na qual a comunidade está inserida, como na que é almejada. Logo, o porquê e o como de cada conteúdo elegido, deve estar ligado a uma teoria e prática pedagógica que a justifique.

Bracht (1997, p. 41) afirma que “[...] a pedagogia da Educação Física enquanto ciência prática tem seu sentido não na compreensão, mas no aperfeiçoamento da práxis”. Seria fundamental que a produção de conhecimento que direciona e sustenta essa prática pedagógica estivesse presente no currículo, bem como nos critérios de avaliação escolar.

Cabe à interdisciplinaridade auxiliar os educadores na superação da visão dicotômica e hegemônica de Educação Física. Essa pode ser uma atitude fundamental, quando bem utilizada para propiciar uma abrangência mais ampla e inovadora na proposta cultural e corporal em benefício da qualidade de vida, no contexto escolar. Entendendo interdisciplinaridade como superação da visão fragmentada da produção do conhecimento, e, também, como possibilidade de fusão nas diversas disciplinas escolares, é possível abarcar a construção do saber humano numa perspectiva globalizada e complexa.

O planejar interdisciplinar é a ferramenta principal neste processo de mudança e no qual este projeto se deslumbra. Contextualizar a prática da Educação Física no processo

educacional significa discutir a respeito do corpo, percebendo-o na sua generalidade, estudando-o de forma fragmentada sem perder a visão socioeconômica e cultural que constroem a concepção de totalidade que o corpo possui. Compreender o discurso dialético entre corpo/mente e corpo/físico é mergulhar nas diversas manifestações culturais que o movimento cultural abrange. Fazenda (1991) faz uma ressalva em relação ao significado de totalidade do ponto de vista interdisciplinar. A totalidade não significa todos os fatos, mas o todo estruturado e dialético no qual um fato qualquer (ou um conjunto de fatos) pode vir ser racionalmente compreendido.

Completando tal pensamento, Luck (2001) busca estabelecer o sentido de unidade na diversidade mediante uma visão de conjunto que permite ao homem dar sentido nos conhecimentos e informações dissociados e, até mesmo, antagônicos que vem recebendo, de modo a reencontrar a identidade do saber na multiplicidade de conhecimentos. Porém, para tal compreensão é preciso entrar numa outra discussão, que não convém aprofundar, neste momento, mas que é oportuno ressaltar no que se refere à formação dos profissionais de Educação Física: pode-se afirmar que estes estão capacitados para exercerem um papel crítico na sociedade com autonomia e consciência para saltarem de um estado subjetivo, em que existem limitações, a um estágio compreensivo, no qual a incorporação de novas experiências, completando sua própria prática? Como aborda Fazenda (1991, p.91): “[...] mais importante que a modificação na estrutura curricular, faz-se necessário uma modificação nas pessoas, ou seja, uma abertura na forma de conceber a educação é compreender a cultura.”.

3.4 A Educação Física e a competição

Diante da agressividade, do autoritarismo e do individualismo que tem cercado os ginásios esportivos, as quadras e campos, o valor do esporte competitivo, diante da formação de crianças e jovens, tem sido questionado por vários autores. Entre outros, Moreira (1995) critica a Educação Física escolar que busca o aperfeiçoamento técnico e aprendizado das regras, não oportunizando o desenvolvimento da criatividade e da ludicidade. Medina (1985, p.21), na mesma linha de pensamento, acrescenta que entre os brasileiros “[...] a predisposição ao conformismo é algo característico [...]” e que o esporte com suas regulamentações e disciplina rígida vem colaborar para que esse conformismo se instale na sociedade. O esporte competitivo também é apontado como uma atividade através da qual o jovem aprende a respeitar o jogo na quadra e na vida sem fazer questionamentos, a lutar a todo custo para poder vencer, entendendo que para conseguir uma posição – ser titular da equipe, por

exemplo – ele precisa ser o melhor, e que se ele falhar, é por sua incompetência (BRACHT, 1992).

Ainda, a respeito da socialização através do esporte, Bracht (1992, p. 75) afirma que a inclusão da socialização nas atividades escolares tem sido baseada “[...] na crença comum de que a participação no esporte é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento social e mental”. Afirma também que “[...] socialização significa o processo de transmissão dos comportamentos sociais esperados [...]” (p. 74). No entanto, o autor expõe que o esporte na escola tem contribuído para promover os valores da classe dominante ao invés de dar-lhe oportunidade de questionar os existentes ou criar outros modelos. Nesse sentido, Bracht (1992, p. 78) aponta que “[...] o poder institucional desportivo denota uma organização hierárquica, autoritária e centralizada, esta aparelhagem é plena de implicações sócio-política.”. Como reflexo disso, há professores de Educação Física que acabam reforçando nos alunos o individualismo, a concorrência, e a obediência incondicional.

Em contrapartida, há autores que pensam de forma diferente, assim, Lyra Filho(1983) acredita que o desporto, como é chamado o esporte com fins competitivos, muito mais que o jogo lúdico, é benéfico principalmente quanto à questão cultural. Ainda, para o autor, como benefícios do desporto têm-se o condicionamento físico, a disciplina, a oportunidade de distração para aqueles que praticam e para aqueles que assistem, funcionando como uma válvula de escape para os problemas sociais e estresse da vida cotidiana (LYRA FILHO, 1983).

Nota-se que não há consenso a respeito dos benefícios do esporte com cunho competitivo no processo de socialização. Porém, tratando-se somente do fenômeno competição, conforme João Batista Freire (1991, p. 150), esta parece ser praticamente uma necessidade vital do ser humano, uma vez que, segundo o autor: “Em todas as civilizações, desde as mais antigas, as formas lúdicas de competição sempre estiveram presentes”. Para Freire (1991, p.151), é um absurdo tentar negar a competição nas atividades escolares, pois essa é mais antiga que a civilização e acrescenta que “[...] a crer na verossímil tória evolutiva, a competição estaria na raiz mesma da própria sobrevivência do homem.”.

A competição não nasce no jogo, mas é nele representada. Se a competição assume, na sociedade, o caráter predatório que observamos atualmente, não é por culpa do jogo e nem será suprimindo deste o aspecto competitivo que o problema desaparecerá (FREIRE, 1991).

Ao mesmo tempo, o autor concorda que o desporto tem servido para discriminar, selecionar os melhores, e disseminar a forma abominável de competição.

A competição como atividade de jogo, sempre existiu. Isso, contudo, não justifica por si só sua manutenção. Uma doença qualquer que nos acompanhe há séculos, nem por isso adquire o direito de ser combatida. O que acontece que a competição lúdica tem exercido funções importantes: no mínimo, a de manter, nas pessoas e na sociedade, uma característica que, na ausência, poderia ter-nos causado a própria existência enquanto espécie. (FREIRE, 1991, p.150).

Enfrentar, portanto, esta visão reducionista da Educação Física é uma das exigências da formação a ser desenvolvida na atualidade.

3.5 A Educação Física e a discriminação

A educação brasileira, segundo Peres (2000), vive um momento de profunda crise. O professor encontra-se desmotivado, desmoralizado e desacreditado socialmente. Em vista disso, a Educação Física tem de garantir o seu espaço e sua importância junto às demais disciplinas dos currículos escolares, espaço esse que, muitas vezes, é barrado por preconceitos e discriminações. Conforme Canfield (2000), não se pode renunciar nossos objetivos educacionais, ao contentarmos-nos com uma imagem de simples prazer na participação de nossas aulas. Essa é a imagem que nem sempre é bem vista dentro das escolas. Segundo Santin (1987), a Educação Física encontra-se, no contexto da história da educação e das atividades educativas, numa situação estranha. Fala-se em educação, mas parece não fazer parte da educação. O autor observa que quando a escola abriu as portas para a Educação Física, foram as portas dos fundos, cedendo espaços sobrados e os horários rejeitados pelas outras disciplinas. Em leitura análoga, Castellani Filho (1988) enfatiza que a Educação Física, enquanto matéria curricular, jamais alcançou, no universo escolar, a mesma consideração que as demais.

Freire (2002) relata que a Educação Física é filha bastarda da caserna, prima pobre da educação e da medicina, querendo ou não esse é o seu fundamento e seu destino é educar. Se lhe faltou embasamento, não lhe faltou atrevimento, pois, mesmo sem vestibular, a Educação Física conseguiu uma vaga junto com os cursos superiores dentro das universidades. Ainda, para o autor, em um lugar em que todos faziam ciências, faltava-lhe um nicho acolhedor, ela que só conhecia as práticas, de corpos perfeitos e de entretenimento. Acolheu-se, inicialmente, com a Área da Saúde e foi ganhando espaço dentro dos currículos escolares até chegar no patamar que está hoje. Daolio (1999) destaca que quando os professores de Educação Física vão falar de sua disciplina falam com muito orgulho das atividades extraclasse que estão realizando.

Nesta mesma linha de conceito negativo, relata-nos Pirollo (1997) que, por causa desses tipos de limitações, a Educação Física tem se tornado forte alvo de críticas que podem ser detectadas numa análise de seu currículo oculto. Para Dias (1995), essa visão estereotipada da Educação Física traz para o profissional uma negatividade na própria disciplina. Essas mesmas colocações, vistas por Kuns (1991), destacam que a crítica que é dirigida à Educação Física, atualmente, vem exigindo desta, principalmente, a sua vinculação aos verdadeiros princípios da educação escolar. Brandal (2000) afirma que, embora os avanços que tenham ocorridos com a Educação Física brasileira, pesquisas realizadas no cotidiano escolar revelam a predominância da Educação Física tradicional, na qual as práticas pedagógicas se reproduzem ao ensino de técnicas e regras desportivas pré-determinadas através de metodologias diretivas.

Sabe-se que muito tem sido feito para extirpar esta imagem negativa da Educação Física. Mudanças deverão ser feitas e, segundo Kuns (1991), deverá haver com urgência uma nova orientação, para não somente alterar o ensino da Educação Física em si, mas, inclusive, contribuir diretamente na instigação de mudanças sócio-políticas necessárias para superar as exageradas contradições sociais vivenciadas na realidade brasileira.

Portanto, se a Educação Física vem sendo subestimada, não podemos cruzar os braços à espera de um reconhecimento. Corrêa (1997) cita que é necessário mostrar o verdadeiro valor profissional e para isso é preciso muita reflexão sobre a nova prática docente. É preciso viver a disciplina como um processo educativo equiparando sua importância às demais disciplinas dentro do currículo escolar.

3.6 A Educação Física no Ensino Médio

Observamos um crescimento do número de alunos no Ensino Médio, fruto de uma política de universalização da escolarização e pela demanda do mercado de trabalho no que se refere ao conhecimento formalizado. Especificamente, sobre Educação Física, no Ensino Médio, alguns autores afirmam que ela deve permitir aos adolescentes diversas experiências através de atividades motoras, apresentando um caráter essencialmente participativo, diversificado, equilibrado, agregado aos conteúdos procedimentais e conceituais, além dos atitudinais, valorizando o domínio cognitivo (BARNIR; SCHNEIDER, 2003; CORREIA, 1996; VERENGUER, 1995).

Os autores advogam a Educação Física por tratar da cultura corporal de movimento e através desta o aluno pode aprimorar seu repertório motor. Para a Educação Física, no Ensino

Médio, os autores sugerem um planejamento participativo que o aluno atue diretamente nela, pois, assim, o professor conseguirá detectar as necessidades dos alunos além de permitir uma autonomia e liberdade de escolha para as atividades e, por consequência, tais escolhas podem influenciar em sua participação social (CORREIA, 1996).

De Santo (1993) afirma que a Educação Física, no Ensino Médio, deve se aprofundar nos conhecimentos sobre o movimento humano e, com esse saber, os alunos podem aumentar as possibilidades de escolha de como, quando e em que condições, eles desejam se envolver ou praticar a atividade física.

Portanto, a Educação Física, nesse nível de ensino, pode aproveitar-se da dimensão conceitual para favorecer a autonomia e a reflexão frente à cultura corporal de movimento. Este senso crítico e autônomo deve ocorrer em relação às vivências, vinculadas ao lazer e a saúde/bem-estar (DARITO et al., 1999; BRASIL, 1999).

Para que haja o envolvimento dos alunos, Paim (2001) afirma que o conhecimento da motivação pelos professores de Educação Física é de grande importância para que se possa estimular o interesse dos alunos. Cid (2002) complementa ao dizer que a motivação é um processo que faz com que o aluno realize as atividades das aulas de Educação Física, porém essas atividades devem se entrelaçar com objetivos tangíveis com os quais o aluno perceba a importância da atividade para sua vida dentro e fora das aulas de Educação Física.

É importante lembrar que a motivação é o que faz o indivíduo tomar suas decisões e a realizar suas ações. Assim, amparamo-nos nas ideias de Chicati (2000), quando afirma que o professor de Educação Física deve ser o mediador do conhecimento, o agente motivador das aulas e deve assumir o papel de tutor na relação ensino-aprendizagem.

O professor deve ter a consciência de que o aluno é o centro de suas ações pedagógicas, logo, a capacidade de escolha dos alunos deve ser valorizada, conjuntamente, com suas experiências motoras, tornando a aula mais participativa e com significado para todos, pois as aulas consistirão na realidade dos alunos (CASCO, 2001). Sendo assim, o professor tem de possibilitar aos seus alunos diversas aprendizagens dos conhecimentos sociais, necessários a conceitualização do mundo que os cerca, dando-lhes condições de pensar e de exercer críticas (LORENZINE; TAVARES, 1998).

Tapia e Fita (2001) complementam ao dizerem que o processo de ensino-aprendizagem é motivador quando há uma sintonia e/ou afinidade entre aluno e professor cabendo, então, ao professor de Educação Física promover a auto aceitação e a confiança, permitindo aos alunos desenvolverem habilidades e talentos.

Darido (2004) enfatiza que é necessária a abordagem de temas de interesses dos alunos como: aparência, sexualidade, alimentação, dieta, capacidade física, saúde, beleza, lazer, entre outros temas. Através dessas abordagens que têm significados para os estudantes, o professor consegue manter a motivação de seus alunos constante. O professor de Educação Física tem a obrigação de tornar as aulas motivantes e isso é possível através da diversificação dos conteúdos e, também, através da diversidade, ele consegue atender as necessidades e interesses de seus alunos, possibilitando assim uma aprendizagem significativa.

No entanto, para discutir temas de interesse dos alunos é necessário que o professor esteja sempre atualizado e integrado ao mundo do aluno, uma vez que, ao integrar-se, nesse mundo, o professor conseguirá fazer com que todos participem e criem autonomia para analisar e criticar qualquer informação veiculada pela mídia.

Considerando a capacitação dos alunos do Ensino Médio de apresentar e lidar com uma complexidade maior de informações, bem como a necessidade inerente a essa faixa etária de envolver-se com atividades esportivas não escolares e trazer experiências para dentro do grupo da classe, acredita-se que seja tarefa da Educação Física garantir o acesso dos alunos a práticas da cultura corporal, tendo o aluno convivido com elas ou não.

3.7 A Educação Física no Ensino Médio e a BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento lançado pelo Ministério da Educação, em 2017, definindo as aprendizagens essenciais que os alunos brasileiros devem alcançar no Ensino Básico. O objetivo é que, independente das diferenças sociais ou culturais, todos os estudantes tenham seus direitos de acesso ao conhecimento preservados.

A BNCC serve de referência para o desenvolvimento dos currículos das redes municipais, estaduais e federal. Ela é uma balizadora da qualidade da educação nas escolas públicas e particulares do país.

De acordo com o documento a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), foi idealizada desde documentos anteriores como: a Constituição de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/96 e o Plano Nacional de Educação - PNE de 2014. Sua construção contou com a orientação de vários especialistas de cada área do conhecimento, profissionais de ensino e da sociedade civil. Elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) e aprovada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), a BNCC é uma sistematização de conteúdos básicos de cada área do conhecimento que devem ser abordados ao longo de toda a educação básica.

Trata-se de uma política pública educacional incentivada pelo Governo Federal para garantir o direito à educação básica de qualidade, independente das diferenças sociais ou culturais. Ela propõe que todos os estudantes tenham seus direitos de acesso ao conhecimento preservados, conforme reza o documento da própria base:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2017, p.7).

O que se espera, na verdade, é que a BNCC sirva de referencial para a formulação dos currículos das redes escolares dos estados e municípios brasileiros e que contribua para a proposição de formações de professores, avaliações e elaboração de conteúdos educacionais, e que seja um parâmetro de alinhamento entre as proposituras do governo federal, estadual e municipal, no que tange à educação (BRASIL, 2017).

O documento revela a necessidade de uma nova concepção de educação e elucida a preocupação com a formação humana, transformação social e aquisição de valores, a educação deve estar focada no desenvolvimento humano global, considerando aspectos como: a complexidade, singularidade e diversidade humana. Para isso, o documento implementa o desenvolvimento de competências que devem ser priorizadas durante a educação escolarizada. Na BNCC, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017, p.8).

A BNCC divide o Ensino Fundamental em cinco áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. Uma das grandes mudanças para a Educação Física é a sua inserção na área de Linguagens, ao lado das disciplinas de Artes, Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Ou seja: a Educação Física assume, além do aspecto físico, um papel sociocultural importante no desenvolvimento dos alunos.

O referido documento afirma que, por meio da linguagem, os indivíduos se constituem como sujeitos sociais. São as interações realizadas nas mais diversas formas de

linguagem que compõem um repertório de conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos que acabam formando cada um como cidadão e como ser humano. A Educação Física deve ser uma destas linguagens que apresenta conhecimentos fundamentais sobre vida, corporeidade e interação que devem ser garantidos durante os anos de escolarização. “O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem a perder a visão do todo no qual elas estão inseridas” (BRASIL, 2017, p.61).

A BNCC descreve as convergências entre os diferentes componentes da área de Linguagens e destaca os seguintes objetivos comuns: a) ampliar as possibilidades de uso das práticas de linguagens; b) conhecer a organização interna dessas manifestações; c) compreender o enraizamento sociocultural das práticas de linguagens e o modo como elas estruturam as relações humanas. (BRASIL, 2017, p. 101).²

A Educação Física torna-se, de outra parte, em um componente que deve interagir, de forma interdisciplinar, com as ciências da natureza, as ciências humanas e as ciências sociais aplicadas. Em síntese, ela deve favorecer o diálogo com as demais áreas de conhecimento, uma vez que os esportes assumem grande potencial na tomada de decisões éticas, morais, na realização da cidadania, dos direitos humanos, dos valores democráticos.

De modo mais específico, a BNCC define a Educação Física como o componente que tematiza as práticas corporais “em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2017, p. 211). Recomenda, a seguir, que as práticas corporais sejam abordadas “como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório” (BRASIL, 2017, P. 211) e destaca, por fim, três aspectos fundamentais comuns às práticas corporais: movimento corporal como elemento essencial; organização interna pautada por uma lógica específica; a prática corporal como produto cultural vinculado ao lazer/entretenimento e/ou ao cuidado do corpo e da saúde. (BRASIL, 2017, p. 211).

² Cabe ressaltar que a BNCC do ensino médio demorou mais tempo para ser homologada devido as questões associadas a reforma do ensino médio no governo Temer e as mudanças na LDB presentes na Medida Provisória (MP) n° 746/2016 e concretizada por meio da Lei n° 13415/2017 que objetiva que o currículo seja diversificado e flexível além de fazer referência à educação em tempo integral. Na Lei n° 13415/2017 consta que o currículo do ensino médio na BNCC (BRASIL, 2018) deve ser composto por itinerários formativos, sendo os itinerários denominados de: linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias, ciências da natureza e suas tecnologias, ciências humanas e sociais aplicadas e formação técnica e profissional. Mesmo que a homologação tenha ocorrido em 2018, achamos adequado manter a data de 2017 como a mais apropriada em nossas referências.

As importantes justificativas apresentadas pela BNCC (2017) para a Educação Física, estão longe de se fazerem presentes na formação oferecida na área no cotidiano da escola. Ademais, ao propor uma perspectiva tecnocrática e dar vazão à chamada pedagogia das competências, a proposta que está sendo implementada, não somente pode precarizar ainda mais a formação do jovem brasileiro, como retirar de sua formação o pouco que sobra das humanidades e de desenvolvimento crítico. A confusa inclusão da Educação Física no campo das Linguagens, a priorização da formação por habilidades e competências, pode desestimular ainda mais o estudante e reduzir sua capacidade de pensar criticamente, de compreender de maneira mais abrangente o contexto em que vive e de perceber a realidade em todas as suas manifestações: artísticas, científicas, éticas, políticas e culturais.

As concepções defendidas para a aquisição de competências e as dimensões do conhecimento priorizadas pela BNCC revelam uma realidade que pode ser divergente e que se aproximam do ensino em conformidade com os paradigmas tradicionais.

No campo da Educação Física é preciso promover práticas em que os alunos experimentem brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura que fogem aos padrões impostos pelos interesses meramente instrumentais ou de competição. Eles precisam ser desafiados a refletirem sobre essas práticas sob o ponto de vista da integração social, cultural e universal. As aulas de educação física devem contribuir na conscientização sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de uma vida ativa e a manutenção da saúde do ponto de vista coletivo e individual.

No Ensino Médio, a BNCC orienta que os alunos experimentem novas brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura. Mas nessa etapa de ensino, eles precisam ser desafiados a refletir sobre essas práticas de modo social ou cultural. Os professores devem colaborar na conscientização sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de uma vida ativa e a manutenção da saúde.

A Educação Física, no Ensino Médio, segundo a BNCC, também deve favorecer o diálogo com as demais áreas de conhecimento. Os esportes assumem grande potencial na tomada de decisões éticas em defesa dos direitos humanos e dos valores democráticos.

No entanto, apesar destas justificativas e intenções, o que se percebe é que a Educação Física deixou de ser considerada uma área importante da formação dos jovens e das crianças, tendo uma inserção discreta na área das Linguagens, o que coloca em risco a sua exigibilidade. Como alertam Grando et al.:

A questão da obrigatoriedade é o ponto mais marcante e que faz pensar se a escola pública dentro das condições físicas e materiais que apresenta irá conseguir ofertar toda parte diversificada dos itinerários com qualidade ou apenas irá optar pelo mínimo. O que está em risco é a oferta de uma gama de conhecimentos científicos fundamentais para a formação e a Educação Física está dentre estes menos privilegiados (...). A disciplina corre sérios riscos de não ser contemplada no currículo dos três anos do ensino médio perdendo um espaço que demorou anos para ser conquistado (2019, online).

Os desafios da Educação Física atual não se restringem mais a questões pedagógicas e metodológicas, mas ao enfrentamento de visões reducionistas quanto seu papel formativo da consciência corporal e das implicações dos conhecimentos inerentes e necessários desta área do saber para a formação humana. O que está em risco é a oferta de uma gama de conhecimentos científicos fundamentais para a formação integral dos indivíduos.

4 REFLETINDO SOBRE OS DADOS DA PESQUISA

Com base nos estudos abordados na fundamentação teórica, apresentamos, neste capítulo, os dados coletados e os resultados da análise do estudo realizado.

Analisar e interpretar os dados coletados é de fundamental importância a uma pesquisa. No caso desta investigação, as considerações apresentadas amparam-se em método estatístico. Assim, os procedimentos de análises seguem as concepções de Gil (2002). O autor enfatiza que somente a estatística não possibilita a interpretação de dados, há a necessidade de uma fundamentação teórica para que se tenha uma análise correta.

Os dados coletados foram obtidos com a utilização de um questionário fechado aplicados diretamente pelo pesquisador em sala de aula, sendo respondido um total de 484 questionário dos alunos dos dois colégios públicos estaduais pesquisados (La Salle e Premem) na cidade de Pato Branco, Paraná.

Para a análise dos dados, cada resposta será representada por um gráfico com resultado e interpretação estatística em relação às perguntas respondidas. Além da interpretação estatística, os dados foram analisados considerando-se os princípios pedagógicos que dão sustentação presente dissertação e, de modo especial, os princípios da BNCC, de 2017.

4.1 Tabulação e análise dos gráficos

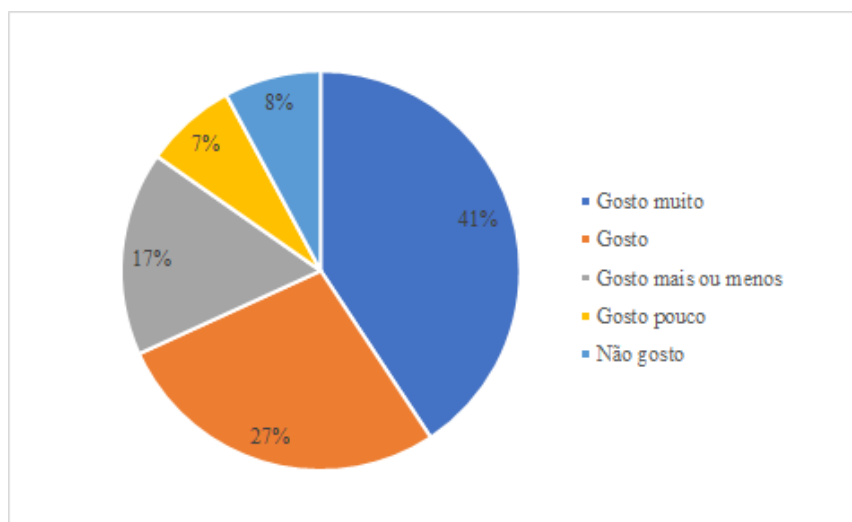
A análise dos dados envolveu a quantificação estatística e a aferição dos resultados não considerando apenas os escores maiores, mas a avaliação da representatividade e o significado dos demais escores em relação todos os aspectos pesquisados.

O relato teve como objetivo propor, num sentido amplo, procedimentos para levar a efeito análises quantitativas e qualitativas de dados do questionário, de tal modo que possam suscitar discussões, novas aplicações e redefinições, que possam fazer progredir esse modelo de trabalho na área da Educação Física.

A tabulação desta investigação foi realizada com a utilização do programa de editoração eletrônica Excel, os gráficos tabulados e demonstrados, na planilha Excel, foram transportados para o programa Word para as análises dos resultados, compilados em forma de gráficos.

Passamos a apresentar os dados obtidos através dos gráficos e as respectivas análises.

Gráfico 01: O que você sente em relação à disciplina de Educação Física?



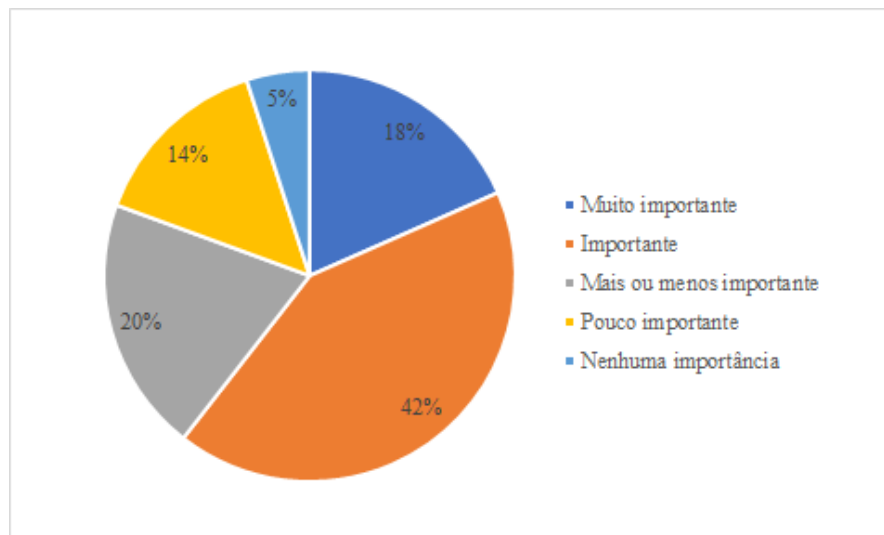
Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como mostra o Gráfico 1, quando os alunos foram questionados como se sentem em relação à disciplina da Educação Física, 41% responderam que gostam muito, 27% que gostam, 17% gostam mais ou menos, 7% gostam pouco e 8% não gostam. A partir das respostas obtidas, é possível verificar que a maioria dos alunos expressa um sentimento positivo relativamente ao que sente em relação às aulas de Educação Física. Por ser o esporte coletivo prazeroso, onde muitos alunos encontram na educação Física, um espaço que valoriza seu potencial, respeita a sua individualidade e oferece condições para sentir-se reconhecido.

No entanto, podemos considerar que, de outro lado, existe um percentual de 32% de alunos que gostam mais ou menos, gostam pouco ou não gostam das aulas. Isso revela que existe um desafio que implica motivar e encontrar modalidades de atividades para cerca de 1/3 dos respondentes. Considerando que um dos princípios da BNCC é a inclusão e o atendimento das diversidades, existe um grande desafio a ser enfrentado pelos professores dessa disciplina.

Na sequência, o Gráfico 2 apresenta as respostas para a questão 2, a qual questiona os estudantes quanto à importância da Educação Física para a sua formação.

Gráfico 02: Qual a importância da Educação Física na sua formação?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Conforme exposto no Gráfico 2, 42% dos alunos responderam que acham importante, 20% mais ou menos importante, 18% muito importante, 14% dão pouca importância e 5% nenhuma importância. Ao verificarmos as respostas, concluímos que a maioria considera que a Educação Física tem papel importante na sua formação, pois ela promove o desenvolvimento integral do aluno, a vida saudável, a socialização, o espírito de equipe e a prática do esporte. Ou seja, a Educação Física escolar tem um valor inestimável no processo educativo e na vida do aluno e, por isso, ela tem a possibilidade de agregar valores humanos à formação de crianças e jovens. Ela pode ser uma importante disciplina para a formação de um cidadão mais crítico, reflexivo e humanizado, contribuindo com a formação e o desenvolvimento integral do aluno.

Apesar de a esportividade estar presente na maioria das aulas, a Educação Física evidencia a possibilidade de se promover a liberdade cognitiva e emocional dos estudantes, contribuindo para a aprendizagem de habilidades motoras, de movimentos, incorporando ao nosso acervo motor capacidades que podem ser aprimoradas com a prática criativas e inovadoras.

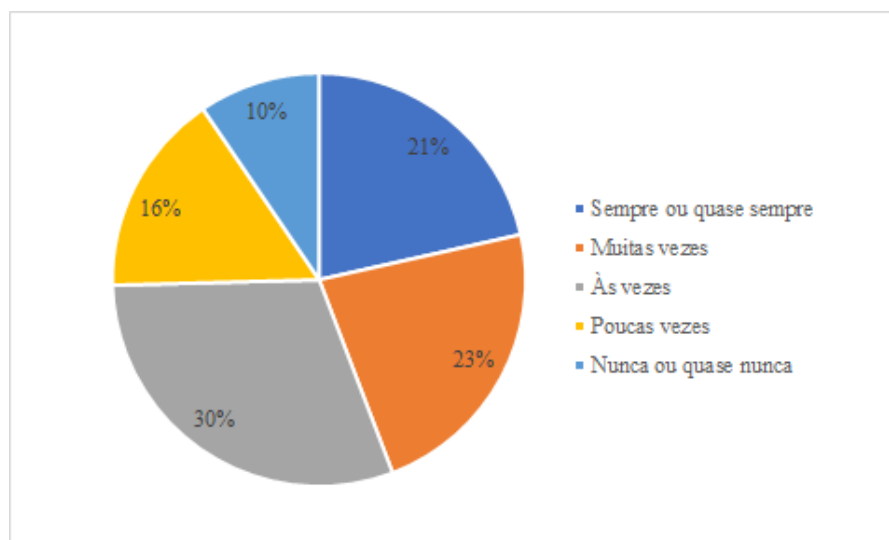
De outra parte, é preciso perceber que existe um percentual de 39% que considera a Educação Física apenas mais ou menos importante, de pouca ou nenhuma importância. Há aí um fator problemático, uma vez que um grupo significativo de alunos não consegue perceber a importância e a necessidade da Educação Física. Isso atinge um dos princípios da BNCC,

especificamente, o que propõe como tarefa da Educação Física oferecer possibilidades de enriquecimento das experiências dos jovens em práticas corporais e de compreensão da significação social da cultura e cuidado do corpo. Pode-se inferir que, no fato de diversos alunos não perceberem a importância da disciplina decorre da falta de uma orientação mais apropriada em relação aos princípios que devem orientar as práticas da Educação Física.

Disso entendemos a necessidade de novas estratégias e práticas de Educação Física sejam experimentadas nas aulas, possibilitando que todos os alunos se envolvam e percebam a importância e a necessidade dessa disciplina em sua formação.

Na sequência, em relação à pergunta sobre a motivação dos alunos em participar das aulas, o Gráfico 3 ilustra as respostas obtidas para essa questão.

Gráfico 03: Você se sente motivado para participar das aulas de Educação Física desenvolvidas no seu colégio?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

De acordo com o Gráfico 3, do total de alunos respondentes, 30% mencionaram que, às vezes, sentem-se motivados, 23% muitas vezes, 21% sempre ou quase sempre, 16% poucas vezes e 10% nunca ou quase nunca. A partir das respostas obtidas, nota-se que os alunos estão motivados para a prática da Educação Física? Será? A maioria dos alunos, isto é, 59% se sente, às vezes, poucas vezes ou nunca motivados. A desmotivação é um importante indicativo que precisa ser analisado com muito propriedade em nossa investigação.

O que temos percebido é que o problema da motivação está ligado ao conteúdo do esporte desenvolvido na aula no dia a dia. Geralmente, só se motivam os alunos que apresentam habilidades para o esporte escolhido para a aula. Neste caso, como o que geralmente predomina são as atividades esportivas, os que não se acham capacitados para os respectivos esportes, acabam não gostando das aulas.

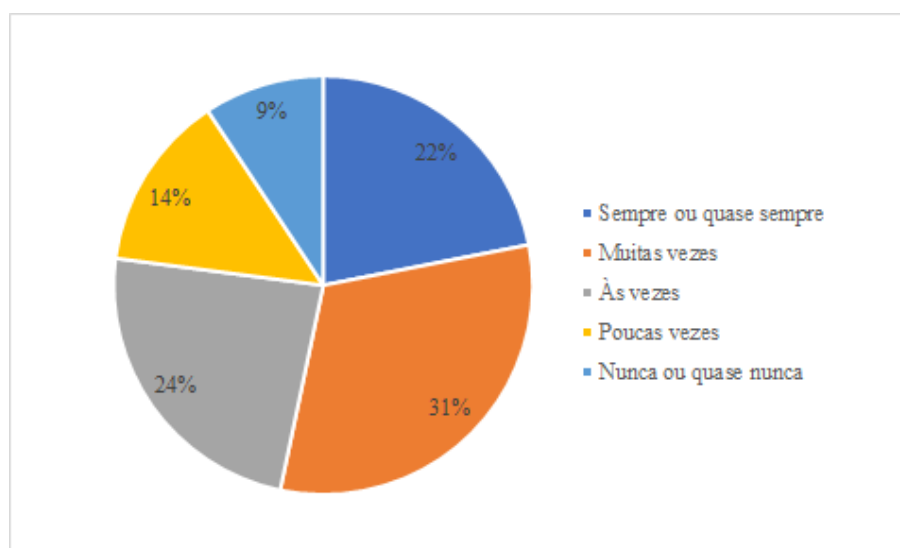
Por isso, é importante que o professor, como mediador do conhecimento, desenvolva aulas e atividades que permitam que todo e qualquer aluno se sinta incluído e que, sobretudo, o professor ofereça a chance de todos os alunos participarem das atividades. Uma das formas de motivar o aluno é priorizar a diversidade dos conteúdos e de práticas, a fim de que os

estudantes possam ter uma vivência ampla e diversificada de atividades, bem como, que possam despertar o interesse nas aulas, especialmente para os mais desmotivados.

Conforme propõe a BNCC, trata-se de selecionar práticas corporais que tenham a ver com os estudantes, a partir do mapeamento das experiências que trazem, das capacidades que possuem e das habilidades que podem ser desenvolvidas. Se o professor insiste em “transmitir” o conhecimento das práticas corporais que não dialogam com eles, a aula transforma-se em imposição. As aulas de Educação Física não existem para fixar a gestualidade de uma manifestação que os alunos nem conhecem, mas, sim, para tematizá-la, o que significa realizar variadas atividades. Até mesmo quem não quiser vivenciá-la, poderá envolver-se de outra maneira, oferecendo condições para que todos possam ler as práticas corporais, posicionar-se sobre elas, recriá-las e, o mais importante, ampliar o modo de significá-las.

Outra questão abordada na pesquisa refere-se à frequência com que o professor motiva seus alunos a participarem ativamente das aulas. O Gráfico 4, abaixo, apresenta as respostas para essa indagação.

Gráfico 04: O meu professor é motivador nas aulas?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em concordância ao Gráfico exposto, 31% responderam muitas vezes, 24% às vezes, 22% sempre ou quase sempre e 14% poucas vezes e, por fim, 9% nunca ou quase nunca. Diante dos dados apresentados, percebemos que os professores estão motivando seus alunos a participarem, ativamente, em suas aulas de Educação Física. Somando as respostas muitas e vezes e sempre, chegamos a 55%.

Existe, porém, um percentual significativo que revela ser o professor só, às vezes, poucas vezes ou quase nunca motivador. Somando os percentuais, chegamos a 45%. Quais são as explicações para tal fato?

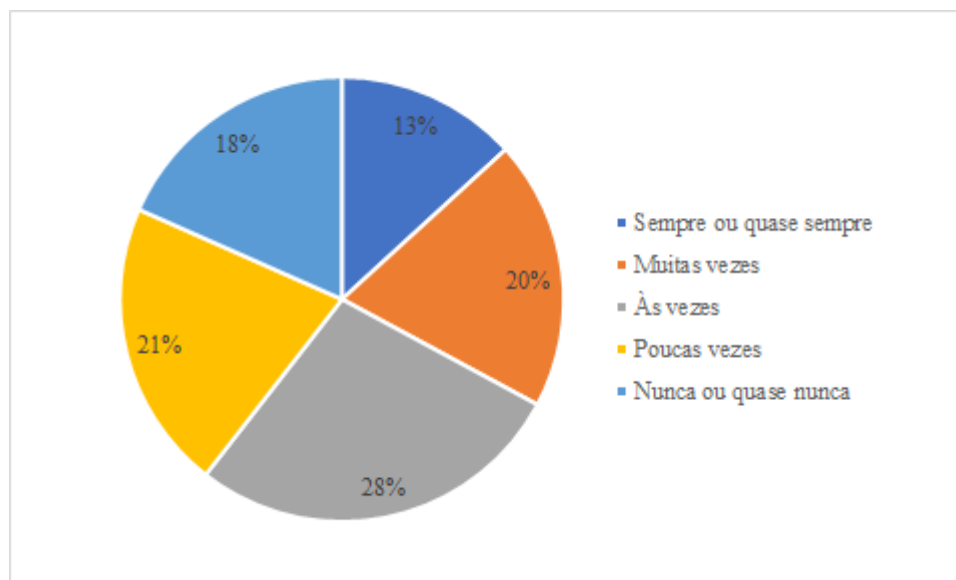
Segundo nossas percepções, a maioria dos professores não tem a preocupação de motivar o aluno, nem planejam suas aulas, e acabam limitando-se a simplesmente jogar a bola para que os alunos joguem futebol ou façam aquilo que lhes der vontade. E, como sabemos, este não é o objetivo da Educação Física escolar.

Como bem indicam diversas análises sobre o tema, as intervenções, as abordagens e a forma da presença do professor na disciplina são fatores decisivos para a motivação ou desmotivação dos alunos. A atitude e a motivação do professor interferem diretamente na escolha em se participar, ou não, das aulas.

Um outro aspecto diz respeito à valorização das capacidades, dos saberes e dos conhecimentos dos alunos. Não se trata, porém, de valorizar as habilidades daqueles que se destacam em certas atividades esportivas, mas de todos os alunos. O professor pode, então, observar as diferenças de gostos de cada aluno, pois nem todos sentem o mesmo prazer de se exercitar em determinadas atividades. Desta forma, quiçá, ele conseguirá motivar os alunos e evitar seu desinteresse pelas atividades.

Para a questão 5, referente aos conteúdos aplicados, o Gráfico 5, na sequência, apresenta o compilado das respostas.

Gráfico 05: A sua participação nas aulas só ocorre quando lhe interessa o conteúdo aplicado?

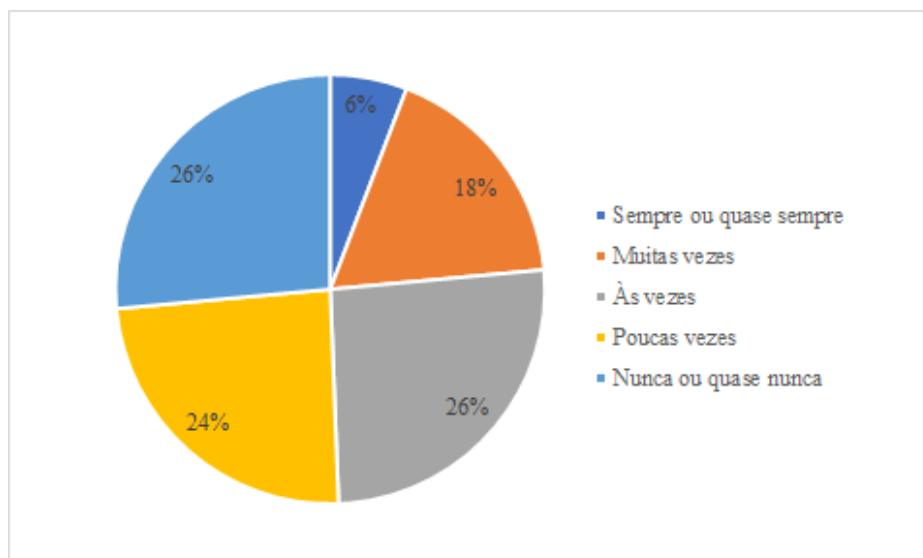


Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como demonstra o Gráfico 5, quanto à participação dos alunos nas aulas, em decorrência do conteúdo ministrado, 28% responderam às vezes, 21% poucas vezes, 20% muitas vezes, 18% nunca ou quase nunca e 13% sempre ou quase sempre. É possível inferir que a maioria dos alunos tende a participar das aulas se o conteúdo ministrado naquele dia lhes chama a atenção ou é de seu conhecimento. Contudo, é preocupante o dado que aponta que cerca de 67% parecem se manifestar indiferentes ao conteúdo desenvolvido nas aulas de Educação Física. Em virtude do que foi mencionado, somos levados a acreditar que isso é consequência de as aulas não serem motivadoras e interessantes, em consequência, os alunos não encontram prazer nas aulas. Sendo assim, eles só participam das atividades quando o conteúdo aplicado é de seu interesse. A participação nos alunos, nas aulas, em maior ou menor número, ocorre, exclusivamente, pela escolha do esporte aplicado na aula do dia, por exemplo, o futebol motiva mais que o basquete ou aula de dança. Mas não existe uma efetiva preferência que decorre de uma escolha consciente de parte dos alunos.

A questão seguinte, questionou os estudantes se há discriminação entre os alunos que praticam as aulas de Educação Física. O Gráfico 6 ilustra as respostas obtidas.

Gráfico 06: Você acha que há discriminação entre os alunos que praticam as aulas de Educação Física?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

No que se refere ao Gráfico 6, 26% dos participantes responderam às vezes, 24% poucas vezes, 18% muitas vezes, 26% nunca ou quase nunca e 6% sempre ou quase sempre. Embasados nesse resultado, não podemos afirmar se há ou não discriminação durante as aulas de Educação Física; não podemos inferir se os alunos, socialmente desfavorecidos, não estariam tendo acesso a oportunidades de superação de sua condição desprivilegiada, em função da existência de tratamento diferenciado entre alunos talentosos e não-talentosos. No entanto, estes dados podem ser enganadores, pois confrontando os escores deste gráfico em que as respostas sempre ou quase sempre, muitas vezes e às vezes chega a 50%, com os escores do gráficos sobre motivação (gráfico 3) e participação (gráfico 5), a leitura pode ser feita sob outra perspectiva. Ao que tudo indica, os alunos que se encontram incluídos e motivados não percebem a existência da discriminação, fato que é percebido pelos que vivenciam mais intensamente esta situação. Com efeito, nas aulas de Educação Física, a externalização do desempenho permite aos alunos a imediata comparação entre eles.

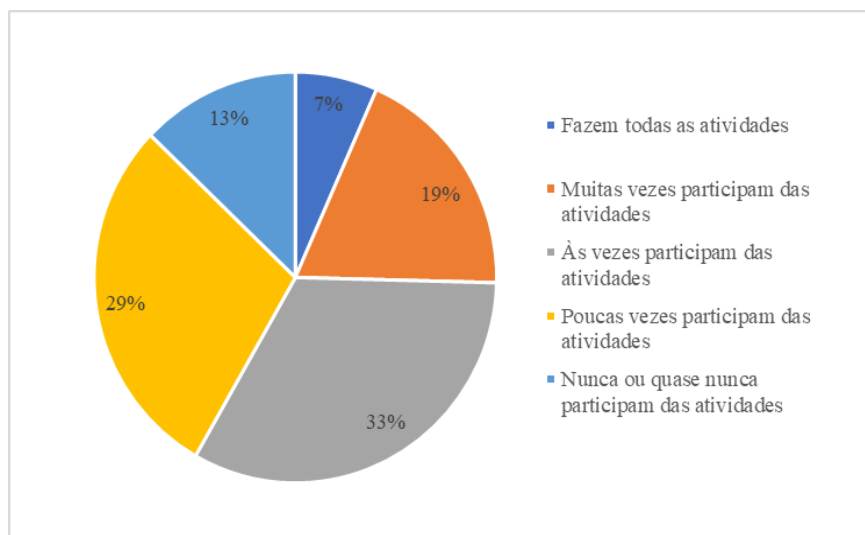
Por isso, ao se abranger apenas os esportes, com muito ênfase na competição durante os jogos e priorizando-se o desempenho, leva-se à exclusão e à discriminação dos menos habilidosos. Nessas condições, os menos aptos não jogam ou são os últimos a serem escolhidos, e, quando são escolhidos, participam menos ativamente, são coadjuvantes na

equipe, por exemplo, recebem menos a bola; outra possibilidade é a de serem responsabilizados quando sua equipe perde e desmerecidos quando a equipe vence, o mérito é sempre dos outros.

Para tanto, torna-se imprescindível conhecer, reconhecer e valorizar a diversidade de características existentes entre os nossos alunos, planejando o conteúdo e as atividades como instrumentos para o desenvolvimento de todos, favorecendo a aprendizagem integral dos alunos, independente das suas diferenças e limitações, aprendendo e ressignificando conceitos, valores e atitudes compatíveis com as finalidades da educação.

Em continuidade, as respostas para a próxima questão estão apresentadas no Gráfico 7, a seguir.

Gráfico 07: Como se comportam os alunos que não têm habilidade esportiva durante as aulas de Educação Física?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Conforme ilustrado no Gráfico 7, quando foram questionados quanto ao comportamento dos alunos que não têm habilidades esportivas, 33% responderam que às vezes participam das atividades, 29% que poucas vezes participam das atividades, 19% que muitas vezes participam das atividades, 13% que nunca ou quase nunca participam das atividades e 7% que fazem todas as atividades. Diante disso, a análise dos resultados possibilitou identificar que um percentual considerável de alunos não faz as atividades quando sentem que não têm habilidade para determinada prática esportiva a ser desenvolvida naquela aula. Isso leva um significativo número de alunos terem comportamentos de rejeição das aulas ou de frustração diante dos limites de suas habilidades.

Cabe destacar que esta é uma prática comum da Educação Física, uma vez que ela nasceu dentro de uma visão militar e homogeneizadora, buscando o rendimento e a competição.

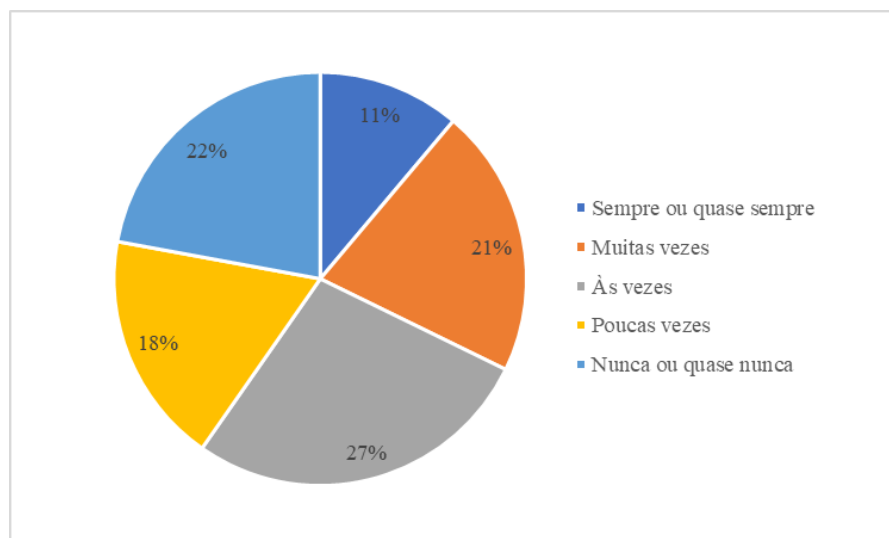
Quem não atinge a performance esperada ou não se enquadrava no perfil físico almejado pelos educadores, geralmente, acaba excluído da prática. Como percebemos nas respostas, os alunos com dificuldades em executar determinadas habilidades motoras acabam excluídos ou excluem-se quando a aula enfatiza apenas a dimensão procedimental do conteúdo.

Por isso, as recomendações são que alunos com essas dificuldades recebam mais atenção e os conteúdos sejam abordados sob outras dimensões (conceitual e atitudinal) e que a falta de determinada habilidade não desencoraje ou exclua nenhum aluno para desenvolver sua educação física. Escolher atividades diversificadas, como lutas, ginásticas, danças, jogos cooperativos, atividades rítmicas e expressivas, outros esportes além de futebol, vôlei e basquete, também é um meio de se trabalhar com os vários tipos de habilidades motoras e capacidades físicas, oferecendo oportunidades para que diferentes alunos se destaquem em cada atividade.

A BNCC (2017) propõe uma concepção diferenciadora sobre a finalidade da educação física, mas não apresenta clareza sobre os princípios que devem orientá-la para que ela se torne inclusiva e considere as capacidades de cada aluno. Menciona, genericamente, competência (definida como a mobilização de conhecimentos, conceitos e procedimentos) e habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), mas não explicita sobre a forma como devem atuar os educadores para desenvolver tais habilidades e competências. Ao que tudo indica, cabe à escola e aos professores descobrirem e desenvolverem propostas para que os alunos que não apresentam habilidades esportivas, desenvolvam práticas e valores destinados ao pleno exercício da cidadania e a inserção social de cada aluno.

A questão 8 aborda o tema da falta de habilidade para determinada prática esportiva e qual a postura dos colegas quanto a isso. O Gráfico 8, a seguir, ilustra os resultados.

Gráfico 08: Os colegas o deixam em segundo plano quando percebem que você não tem habilidade para determinada prática esportiva?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como mostra o Gráfico 8, quando os alunos foram questionados quanto aos colegas deixarem-nos de lado quando percebem que eles não têm habilidade para determinada prática esportiva, 27% responderam às vezes, 22% nunca ou quase nunca, 21% muitas vezes, 18% poucas vezes e 11% nunca ou quase nunca. Notamos que, quando os alunos não têm habilidade para determinada prática esportiva, na maioria das vezes, são relegados ou excluídos da modalidade esportiva a ser desenvolvida naquela aula. Portanto, evidencia-se que as práticas são excludentes e não inclusivas daqueles que apresentam maiores dificuldades esportivas.

O papel exercido pela educação física parece ser de selecionar e de excluir. Selecionar os aptos em certas modalidades e excluir os inaptos. Isso fere um dos princípios da educação que é de possibilitar o acesso a uma formação integral e que considere as características e potencialidades de cada aluno.

Para se opor a tal prática de exclusão, as aulas de Educação Física devem ser elaboradas de forma a permitir ao adolescente a sua inclusão, considerando-se suas necessidades e potencialidades. O cuidado com o corpo deve ser o princípio orientador.

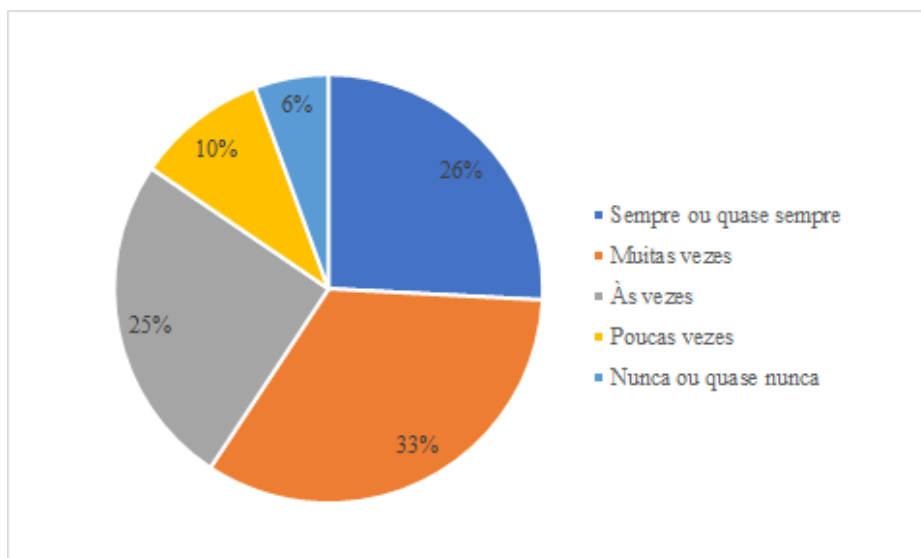
Para tanto, é preciso fazer com que cada aluno perceba o corpo como fonte de inúmeras outras potencialidades, levá-lo a agir de múltiplas formas com o seu corpo, em

oposição ao automatismo e ao reducionismo decorrentes da esportivização. O desafio é desenvolver uma Educação Física que permita ao aluno a prática de atividades prazerosas, criativas, diferentemente das práticas de caráter repressivo ou meramente competitivas de muitas aulas. As aulas devem permitir aos alunos a interação com todos os colegas, envolvendo desde os menos habilidosos aos mais competitivos em determinadas habilidades. A educação física não pode ser uma prática de exclusão.

É necessário que exista na escola um bom planejamento pedagógico, dialogando com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), atrelado a uma proposta curricular em que há desafios, de forma que exista uma progressão dos alunos de um estado de menor para um de maior conhecimento. Assim, durante as aulas, podemos ter um clima motivacional orientado como instrumento para aumentar a motivação intrínseca, o sentimento de competência e atitudes positivas em alunos nas aulas de Educação Física.

Por fim, o Gráfico 9, abaixo, apresenta as respostas obtidas para a questão 9, referente ao delineamento das aulas de Educação Física, em outras palavras, se as atividades desenvolvidas se resumem a prática de uma modalidade esportiva.

Gráfico 09: A sua aula de educação física se resume à prática de uma modalidade esportiva?



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Para essa questão, 33% dos participantes responderam muitas vezes, 25% às vezes, 26% sempre ou quase sempre, 10% poucas vezes e 6% nunca ou quase nunca. Percebemos, então, que a grande maioria revela que a esportivização está presente no dia a dia das aulas de Educação Física. De todos os conteúdos de ensino presentes nessas aulas, percebemos que predominam aqueles de natureza esportiva. Segundo as respostas obtidas, somando os escores de sempre ou quase sempre e de muitas vezes, chegamos a um percentual de 59% que afirmam que as aulas se resumem em atividades de modalidade esportiva. Isso pode parecer não algo ruim, mas é preciso considerar que existem alunos que não apresentam condições de participar destas aulas e é preciso buscar uma forma alternativa de atividades para essa disciplina, dimensões que não são desenvolvidas na Educação Física quando só se prioriza as modalidades esportivas. Confrontando estes dados com os da desmotivação e da exclusão, podemos inferir a situação de injustiça que se cria.

É impossível negar aos alunos, nas aulas de Educação Física, o aprendizado de esportes. Mais do que isto, temos de aceitar que este é um fenômeno da cultura corporal de movimento e trabalhar adequadamente com ele.

O que não podemos aceitar, é que a forma como este conteúdo é trabalhado não passe pela compreensão e transformação do próprio aluno e, ainda, desconsidere a realidade de diversos alunos excluídos das práticas esportivas. Falta, portanto, a construção de uma nova forma didática de utilização dos esportes, na escola, que consiga delegar a este fenômeno a tão almejada educação pelo/através do esporte.

Existe a necessidade de a aula ser um lugar de aprender a cultura e a valorização de práticas inclusivas e não apenas o lugar onde aqueles que dominam as técnicas de um determinado esporte vão “praticar” o que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar. Conforme orienta a BNCC (2017), é importante ampliar a consciência dos movimentos corporais, desenvolver práticas corporais voltados para o cuidado de si e dos outros, e, também, para desenvolver a autonomia e a participação mais confiante e autoral na sociedade.

No entanto, é preciso que o professor tenha consciência sobre a amplitude do sentido do movimento no desenvolvimento humano, não esquecendo de considerar os aspectos físicos, psicológicos, socioculturais, históricos e psicológicos que envolvem o processo de formação de cada indivíduo em sua particularidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa procuramos evidenciar se a esportivização está presente no dia a dia nas aulas de Educação Física e avaliar qual o impacto que esse tipo de aula ministrada tem sobre os alunos e sua formação integral. Como dissemos na Introdução, esta pesquisa começou a tomar forma quando começamos a refletir sobre o papel da Educação Física na formação do aluno do Ensino Médio, considerando as proposições da nova BNCC (2017). Partindo das constatações registradas ao longo de nossa atuação como professor de Educação Física, preocupamo-nos em esclarecer as razões que têm levado as aulas de Educação Física, no Ensino Médio, a se resumirem, geralmente, ao ensino das modalidades esportivas, tais como futebol, futsal, voleibol, handebol e basquetebol, sem a preocupação, de parte das instituições e dos professores, de se darem conta dos limites desta visão. Diante da necessidade de se introduzir outras concepções, analisamos alternativas já propostas em diferentes documentos da área e reforçadas pela BNCC (2017). O problema não nos preocupa apenas sob o aspecto das escolhas das modalidades esportivas, mas, principalmente, acerca da destinação da finalidade da Educação Física quando reduzida, exclusivamente, à competição, à esportivização.

Para a realização de nossa investigação, de natureza empírico-analítica, valemo-nos da aplicação de um questionário pré-estruturado a um grupo de alunos do Ensino Médio, de duas escolas pertencentes à a rede pública estadual, no município de Pato Branco, Paraná. O questionário foi aplicado pelo próprio pesquisador. Os dados foram organizados em forma de gráficos e os escores quantificados percentualmente. A análise se deu por uma abordagem dedutiva, delimitando o objeto de estudo a nove tópicos. Os procedimentos desta pesquisa envolveram, além da quantificação simples, uma análise inferencial confrontando os dados coletados com os princípios e as diretrizes que os documentos da área apresentam relativamente ao papel formativo da Educação Física escolar.

Partimos da análise da prática dos alunos nas aulas de Educação Física. As categorias analisadas foram: os sentimentos e as motivações nas aulas de Educação Física, exigência de habilidades e competências, motivação do professor, inclusão e exclusão, modalidades de aulas, participação e inclusão, sentido da educação física escolar.

De modo geral, os discentes consideraram que a atividade esportiva, manifestada no ato do exercício físico nas aulas práticas, através de atividades diversas, é de fundamental importância no desenvolvimento e aprendizado do aluno.

Os resultados da pesquisa respondem os problemas levantados quanto à participação dos alunos nas aulas de Educação Física, no Ensino Médio, sendo que a maioria dos alunos

reconhece a relevância da Educação Física para a sua formação como ser humano. No que se refere à motivação, há um consenso que os jovens e adolescentes nem sempre estão motivados para a prática da Educação Física, isso ocorre, por vezes, em decorrência da não motivação por parte dos professores para que seus alunos participem, efetivamente, das aulas. A insistência em atividades, prioritariamente, orientadas pelos princípios da esportivização, tem desmotivado e excluindo muitos alunos da prática da Educação Física, prejudicando seu desenvolvimento integral.

Tal questionamento é relevante, pois o despertar da atenção e motivação nos alunos, durante as aulas, só se dá efetivamente quando a conteúdo aplicado é de seu interesse. No caso específico da disciplina de Educação Física, ao se levar em conta determinada modalidade esportiva ministrada nas aulas, os alunos não atletas acabam ficando de lado, não participando efetivamente das aulas.

Diante do que discorreremos na construção deste trabalho, acreditamos que ao respondermos os questionamentos desta pesquisa, nossa investigação aponta para uma predominância da tendência esportivista nas aulas práticas de Educação Física.

A disciplina de Educação Física é um dos componentes curriculares da área de Linguagens. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de Educação Física entende que a disciplina é responsável por desenvolver as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social. A Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica.

Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas e lúdicas, que se relacionam e, ao mesmo tempo, não se restringem à racionalidade típica dos saberes científicos que orientam as práticas pedagógicas na escola. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde.

As aulas de Educação Física centram-se no desenvolvimento integral dos alunos por meio de atividades lúdicas como jogos, brinquedos e brincadeiras, respeitando-se as dificuldades e necessidades de cada um. Entre as áreas psicomotoras estudadas, estão: Coordenação Motora Fina e Global, Estruturação Espacial, Orientação Temporal, Lateralidade, Estruturação Corporal e as relações com a aprendizagem no contexto escolar.

A fim de contribuir com esta pesquisa e, especialmente, com o processo educacional, quanto à prática dos alunos nas aulas de Educação Física, do Ensino Médio, e de provocar uma reflexão à classe docente e às instituições de Ensino Médio, nas quais as aulas de Educação Física constam em seus currículos, é que apontamos as seguintes sugestões:

- Definir uma teoria combinada com a prática nas aulas de Educação Física, que permita aos adolescentes diversas experiências por meio de atividades motoras, valorizando o domínio cognitivo.
- Reorganização dos conteúdos ministrados nas aulas práticas de Educação Física, que leve em conta a opinião dos alunos, na construção das atividades esportivas a serem aplicadas nas aulas.
- Que o professor tenha consciência de que o aluno é o centro de suas ações pedagógicas e que as capacidades de escolha dos alunos devem ser valorizadas.
- Rever as práticas pedagógicas da Educação Física, que se reproduzem no ensino de regras e modalidades esportivas pré-determinadas.
- Além dos benefícios físicos da prática esportiva, a **Educação Física** pode desenvolver **competências e habilidades** sociais, psicológicas, motoras e cognitivas. Isso implica, evidentemente, em desenvolver uma compreensão ampla de habilidades e competências, não se restringindo ao que a BNCC (2017) apresenta.

É preciso, então, propor momentos de compartilhamento de sensações, diálogos, reflexões e práticas que levem os alunos a desenvolver a empatia e a cultura do corpo. Jovens e adolescentes, constantemente, vêm se afastando das práticas corporais, cada vez mais sedentários deixam de desenvolver sua cultura corporal e, conseqüentemente, de promover sua saúde. O aluno do Ensino Médio deve ser pensado como aquele que deve fazer uma análise crítica da realidade, que deve ter acesso a conteúdo para além de diversificados com significado social. Este, é o aluno que, na maioria das escolas públicas, já está inserido no mercado de trabalho para auxiliar na renda familiar e tem de lidar diretamente com as contradições presentes no meio social. Diante disso, analisamos criticamente que os pressupostos da BNCC (2017) para o Ensino Médio pouco contribuem para emancipação do aluno e no que se refere à disciplina de Educação Física, as contribuições são ínfimas e retrógradas em relação a concepções anteriores apresentadas pela legislação e pela literatura na Área. A disciplina corre sérios riscos de não ser contemplada no currículo dos três anos do Ensino Médio, podendo perder um espaço que demorou anos para ser conquistado.

Por fim, cabe esclarecer que quando realizamos a sessão de qualificação desta dissertação, os membros da Banca sugeriram um retorno às escolas para a busca de informações complementares, o que não se tornou possível devido à pandemia provocada pela disseminação do Covid-19.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Eronita S. A escola também é conteúdo. **Revista Contexto & Educação**. Ijuí: UNIJUI, ano 4, n.15, 1989, p. 37 – 42.

BARNI, Mara Juttel; SCHNEIDER, Ernani José. **A Educação Física no ensino médio: Relevante ou irrelevante?** Instituto Catarinense de Pós-Graduação, n.3, agosto a dezembro de 2003. Disponível em: http://www.icpg.com.br/hp/revista/index.php?rp_auto=3. Acesso em: março de 2019.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Fundamento da Metodologia Científica**. 2. ed. Ampliada. São Paulos: Pearsos Education do Brasil, 2000.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister. 1992.

BRACHT, Valter. **Constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedec, ano XIX, n. 48, 1999.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei n. 9394/96). Brasília, Diário Oficial da União, 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Educação Física**. Brasília:MEC/SEF. 1998. p. 114.

BRASIL/MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília:pirolo MEC, Brasília:MEC, dezembro de 2017.

CALISTENIA: tipos de exercícios que compõem uma classe. **Revista Educação Física, Rio de Janeiro, n.77**, (p.40-43), 1944.

CASCO, Patrício. **O esporte escolar e a experiência democrática**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 07, n.36, maio de 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd36/democr.htm>. Acesso em: Março de 2019

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 1998.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percurso, Paradoxos e Perspectivas**. Campinas: UNICAMP, 1999. Dissertação (Mestrado), Universidade de Campinas, 1999.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 15.ed. Campinas: Papyrus, 2008. (Coleção Corpo e Motricidade).

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de Educação Física no ensino médio. **Revista da Educação Física, UEM, Maringá, v. 11, n. 1, 2000**, p. 97-105.

CID, Luís Felipe. **Alteração dos motivos para a prática desportivas das crianças e jovens.** Revista Digital, Buenos Aires, Ano 08, n. 55, dezembro de 2002. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd55/motiv.htm>. Acesso em: Maio 2019.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CORD, Denise. O conceito de educação no pensamento de Antônio Gramsci. In: **Coleção Laboratório. Florianópolis: UFSC, n. 4, 1996**, p. 11 – 17.

CORREIA, Walter Roberto. Planejamento Participativo e o Ensino de Educação Física no 2º Grau. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, Supl. 2**, p. 43-48, 1996.

DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.

DARIDO, Suraya Cristiana et al. Educação Física no ensino médio: reflexões e ações. **Revista Motriz, Rio Claro, v. 5, n. 2**, p. 138-145, dez. 1999.

DARIDO, Suraya. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2003.

DARIDO, Suraya Cristiana. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 18, nº 01**, p. 61–80, Jan./Mar. 2004.

DELEUZE, Gilles - **Diferença e Repetição.** Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DE SANTO, Dalberto Luiz. Educação Física Escolar: Tendência e Perspectivas. **Anais: I Semana de Educação Física Universidade São Judas, São Paulo**, p. 39-45, 1993.

FERREIRA, M, S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando e enfoque. **Rev Bras Cienc Esp**, p. 41-54, 2013.

FERREIRA, Marcelo Guina. **Teoria da Educação Física: bases epistemológicas e propostas pedagógicas.** In: FERREIRA NETO, Amarílio, GOELLNER, Silvana Vilodre. BRACHT, Valter. (Org.). **As ciências do Esporte no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 1995,

ENDERLE, Carmen. **Psicologia da Adolescência: uma abordagem pluridimensional. 5. ed.** São Paulo: Ed. Ática, 1988.

FREIRE, João Batista. A questão da competição. In: FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física.** São Paulo: Scipione, 1991. p. 150-154.

FREITAS, Jussara da R. Pressupostos curriculares para uma escola cidadã. **Revista Paixão de aprender**, Porto Alegre, 1994, p. 54 – 59.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GHIRALDELLI JR , Paulo. **Educação física progressista**. São Paulo, Loyola, 1988.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física progressista. A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. São Paulo: Loyola, 1989.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas- SP: Papyrus, 1997.

GRANDO, Daiane; LABIAK, Osni; MATTES, Veronica V.; MADRID, Silvia. **A Educação Física na Base Nacional Comum Curricular: pressupostos, avanços e retrocessos**. Anais do 9º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – CONPEF 4º Congresso Nacional de Formação de Professores de Educação Física - UEL, Londrina – 21 a 24 de maio de 2019. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS>. Acessado em 25 de junho de 2020.

GUERIERO, Djane Aparecida; ARAUJO, Paulo Ferreira de. **Educação Física Escolar ou Esportivização Escolar?** Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 78 – novembro de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd78/esportiv.htm>. Acesso em: Maio 2019.

GUTIERREZ, W. **História da Educação Física**. Porto Alegre: IPA, 1972.

KUNZ, Elenor. O Esporte enquanto fator determinante da Educação Física. **Revista Contexto & Educação**. Ijuí, Unijui, ano 4, n. 15, 1989, p. 63–73.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo-SP: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública. A pedagogia crítico social dos Conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1986.

LORENZINI, Ana Rita; TAVARES, Marcelo. **A cultura corporal na prática pedagógica dos professores de Educação Física do Estado de Pernambuco**. **Revista da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco**. Pernambuco, ano III, n. 03 Jan/ Dez, 1998. Disponível em: <http://www.upe.br/corporis3/artigo6.html>. Acesso em: Abril 2019.

LYRA FILHO, João. **Introdução à psicologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MARINHO, Inezil Penna. **Contribuições para a história da Educação Física e dos desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

MARINHO, I. P. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. 4 ed. São Paulo: Papervivros, [19 -].

_____. **História geral da educação física**. São Paulo: Brasil Ed., [19-].

MARQUES, Mario O. A questão dos conteúdos de ensino. **Revista Contexto & Educação**. Ijuí: UNIJUI, ano 4, n. 15, p. 18-27, 1989.

MATTOS, Mauro. G.; NEIRA, Marcos. G. **Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. 5º ed. São Paulo: Phorte, 2008.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo.... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da Educação Física. 4. ed. Campinas: Papirus, 1985,.

MELLO, Rosângela A.de; BRACHT, Valter. Educação Física: Revisão crítica e perspectiva. **Revista da Educação Física**. Maringá: n. 3, p. 03-11, 1992.

MORAES, C. Callisthenia: série de exercícios livres. **Revista Educação Physica, Rio de Janeiro**, n.2, (p.29-31), (jul/dez), 1932.

MUNARO, Claire M. Pressupostos conceituais subjacentes à prática pedagógica dos professores de Educação Física. **Revista Kinesis**. Santa Maria: n. 4, p. 97-108, 1988.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física: desenvolvendo competências**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2006.

_____. **Ensino de educação física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NOLASCO, Ronaldo César. As Percepções Pessoais, Crenças e Valores dos Alunos na Disciplina de Educação Física. 2007. 175 Pg. **Mestrado em Ciência da Motricidade Humana da Universidade Castelo Branco**- Rio de Janeiro. 2007.

OLIVEIRA, Jefferson Leal. **Da crise ao ressurgimento da Educação Física no contexto internacional**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 10 – n. 72 – Maio de 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: Abril de 2019.

OLIVEIRA, Valeska F. de. A face oculta dos conteúdos. **Revista Contexto & Educação**. Ijuí: UNIJUI, ano 4, n. 15, p. 09-18, 1989.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. **Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 07, n. 43, 2001. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd43/motivo.htm>. Acesso em: Maio de 2019.

PIROLO, A.L. **A disciplina voleibol nos cursos de licenciatura em educação física do Paraná: processo e conhecimento crítico-reflexivo?**. In: COSTA, V. (org.). Formação profissional universitária em Educação Física. Rio de Janeiro: Ed. Central UGF, 1997.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982

RANGEL-BETTI, Irene C. Reflexões a respeito da utilização do Esporte como meio educativo na Educação Física escolar. **Revista Kinesis, Santa Maria, n. 15, 1997**, p. 37 – 43.

REVISTA. Educação Physica, **Rio de Janeiro, n.1**, (p.39), (jan/jun), 1932.

SANTOS, E. A. et al. As diferenças entre o Esporte da Escola e o Esporte na Escola. **Revista Treinamento Desportivo, v. 7, n. 1**, p. 21-28, 2006.

SILVA, C.L. **Educação Física escolar: reflexões sobre a não participação dos alunos nas aulas**. Encontro Nacional de Educação - ENAED. São Paulo, v.1, n.1, 2011.

TAPIA, Jesús Alonso; FITA, Enrique Caturla. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. Tradução: Sandra Gracia. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.

THOMAS, Jerry R., NELSON, Jack k., **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. Cap. 1.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Teoria Geral do Esporte**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente**. Movimento, Porto Alegre, v. 3, n. 5, 1996.

VERENGUER, Rita de Cássia Garcia. Educação Física Escolar: Considerações sobre a formação profissional do professor e o conteúdo do componente curricular no 2º grau. **Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, vol. 09, nº. 1, Jan/Jun., p. 69-74, 1995**.

ANEXO 1 – Questionário

O instrumento em questão consistiu em uma adaptação do questionário proposto por Gonçalves (1998) que teve como objetivo analisar o pensamento de alunos portugueses em relação às condições educativas das aulas de educação física, validado por Ronaldo Cesar Nolasco (2007) em sua tese intitulada as percepções pessoais, crenças e valores dos alunos na disciplina de educação física.

Caro Aluno,

Estamos estudando a disciplina de Educação Física em algumas escolas de Pato Branco Pr. Você foi escolhido para dar a sua opinião sobre a disciplina de Educação Física em sua escola. Este questionário não é um teste, portanto não há questões certas ou erradas. Queremos apenas saber a sua opinião sobre os assuntos que aparecem no questionário. As suas respostas não serão mostradas a ninguém, nem mesmo ao seu professor, por isso pedimos que responda com toda a sinceridade. Você nem precisa colocar o teu nome neste questionário.

Agradecemos a sua sinceridade e colaboração!!!

Escola: _____

Turma Investigada: _____ Mês: _____

Marque apenas uma resposta com um X

1. O que você sente em relação à disciplina de Educação Física?

| Gosto muito | Gosto | Gosto mais ou menos | Gosto pouco | Não gosto |
|-------------|-------|---------------------|-------------|-----------|
| | | | | |

2. Qual a importância da Educação Física na sua formação?

| Muito importante | Importante | Mais ou menos importante | Pouco importante | Nenhuma importância |
|------------------|------------|--------------------------|------------------|---------------------|
| | | | | |

3. Você se sente motivado para participar das aulas de Educação Física desenvolvidas no seu colégio?

| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| | | | | |

4. O seu professor é motivador nas aulas.?

| | | | | |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
| | | | | |

5. A sua participação nas aulas é só quando lhe interessa o conteúdo aplicado?

| | | | | |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
| | | | | |

6. Você acha que há discriminação entre os alunos que praticam as aulas de Educação Física?

| | | | | |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
| | | | | |

7. Como se comportam os alunos que não têm habilidade esportiva durante as aulas de Educação Física?

| | | | | |
|---------------------------|----------------------------------------|------------------------------------|----------------------------------------|------------------------------------------------|
| Fazem todas as atividades | Muitas vezes participam das atividades | Às vezes participam das atividades | Poucas vezes participam das atividades | Nunca ou quase nunca participam das atividades |
| | | | | |

8. Os colegas lhe deixam em segundo plano quando percebem que você não tem habilidade para determinada prática esportiva?

| | | | | |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
| | | | | |

9. A sua aula de educação física se resume a prática de uma modalidade esportiva?

| | | | | |
|------------------------|--------------|----------|--------------|----------------------|
| Sempre ou quase sempre | Muitas vezes | Às vezes | Poucas vezes | Nunca ou quase nunca |
| | | | | |

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS - GRADUAÇÃO – VRPPG/ UPF



ANEXO 2 – Parecer Comitê de Ética
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A prática da Educação Física no Ensino Médio: visão dos alunos sobre a esportivização.

Pesquisador: MARCOS ANTONIO FASOLIN

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 22977419.3.0000.5342

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.681.784

Apresentação do Projeto:

A Educação Física no decorrer dos anos passou de um mero instrumento de preparação do corpo do homem para um dos processos mais coerentes de formação psicomotor-sócio-cultural, ou seja, ela é considerada hoje, uma das disciplinas mais importantes do currículo educacional, sendo responsável não só pela formação do homem propriamente dito, mas, também, introdutor desse mesmo homem como ser social, integrando-o na sociedade como um cidadão. Muitos educadores justificam a inclusão da Educação Física nos currículos escolares através da contribuição da atividade esportiva na socialização dos alunos. Nesse sentido, o adolescente e o jovem, através do esporte, aprendem que entre eles e o mundo existem os outros, aprendem a conviver com as vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal, desenvolvem a independência e a confiança em si mesmos, o sentido da responsabilidade e etc. As práticas pedagógicas aplicadas nas aulas de Educação Física no ensino médio, na cidade de Pato Branco, estão voltadas exclusivamente pelas práticas desportivas, essas práticas ocorrem diariamente em todas as aulas, seja por acomodação do Profissional ou pela sua não qualificação. Esta pesquisa surgiu com a necessidade eminente de quebrar os paradigmas tradicionais que norteiam a prática das aulas de Educação Física, juntamente com a busca pessoal de legitimar esta prática e identificar a relação desta disciplina com as demais, enquanto área de saber. Rever a definição de Educação Física é o primeiro passo para a execução de um projeto neste campo.

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José

CEP: 99.052-90

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54) 3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS - GRADUAÇÃO – VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 3.681.784

Compreender as diversas áreas de atuação e eleger a educação como possibilidade de transformação. Espera-se atingir ao longo do processo uma prática pedagógica direcionada para construção do saber e ainda compromissada com a qualidade de vida, desvelando os múltiplos olhares que as aulas possibilitam, compromissada com a prática da cidadania. Como a metodologia das aulas de educação física está centrada no desporto e na competição. Assim sendo, como são tratados os alunos “não-atletas”? As aulas de Educação Física são discriminatórias? Ademais, por que que os jovens e adolescentes não participam ativamente das aulas de Educação Física?

Objetivo da Pesquisa:

Analisar a prática dos alunos nas aulas de Educação Física no Ensino Médio nas escolas de Pato Branco, Estado do Paraná, fundamentado nos conteúdos de ensino ministrados e nas orientações conceituais teóricas e práticas adotadas pelos professores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Embora os riscos sejam pequenos, ao ser aplicado o questionário para a coleta de dados o pesquisador estará atento quanto a privacidade do pesquisado, assegurando a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima. Se algum entrevistado sentir algum desconforto durante a aplicação do questionário o mesmo será encaminhado para um local reservado e terá liberdade para não responder questões constrangedoras. O pesquisador garante que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes dos alunos entrevistados.

Os resultados da pesquisa respondem os problemas levantados quanto à participação dos alunos nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, sendo que a maioria dos alunos sabe da importância da Educação Física para a sua formação como ser humano, quanto à motivação a um consenso que os jovens e adolescentes nem sempre estão motivados para a prática da Educação Física, sendo isto uma decorrência de que os professores não motivam seus alunos a participarem efetivamente das aulas, em relação de como são ministradas as aulas semanais de Educação Física, os alunos dizem ser esta de boa qualidade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Com a finalidade de atender os objetivos desta pesquisa, que tem como teor investigativo a participação dos alunos nas aulas de Educação Física, em escolas públicas do Ensino Médio, no município de Pato Branco – Paraná. Para isso, adotamos os procedimentos metodológicos a seguir descritos.

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José

CEP: 99.052-90

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54) 3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS - GRADUAÇÃO – VRPPG/ UPF



Continuação do Parecer: 3.681.784

Inicialmente, a construção deste trabalho parte da discussão e desenvolvimento do referencial teórico que sustenta esta investigação. Iniciaremos pelo levantamento de referências necessárias e inerentes à pesquisa utilizando a pesquisa bibliográfica da literatura especializada no tema. Nesse sentido, este trabalho configura-se como uma pesquisa de campo do tipo exploratória, pois o próprio ambiente escolar será utilizado como local para o levantamento de dados (TRIVIÑOS, 1992). A seleção das escolas, para participarem deste estudo será feita a partir do porte, que é a referência em que a Secretaria de Estado da Educação do Paraná classifica as escolas, o porte varia de 01 a 11 (SEED, 2015).

O procedimento adotado para coleta de dados com os alunos do Ensino Médio será a partir de um questionário estruturado, com intenção de coletar dados referentes à participação dos alunos nas aulas de Educação Física relacionados aos seguintes pontos: as aulas de Educação Física no Ensino Médio são discriminatórias; por que os alunos não participam ativamente das aulas de Educação Física no Ensino Médio; como ficam os alunos não-atletas durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio.

Após aplicação dos questionários, faremos uma análise quantitativa das respostas obtidas. Os questionários serão estruturados para que possam ser avaliados quantitativamente para, em um segundo momento, fazer a aplicação dos possíveis resultados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no TCLE. O protocolo foi instruído e apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos do pesquisador e das instituições envolvidas estavam presentes. O projeto foi considerado em seus aspectos científicos, metodológicos e éticos.

Recomendações:

Sugere-se a devolução dos dados da pesquisa aos sujeitos. Salienta-se a necessidade de anexar o relatório final na Plataforma Brasil, ao final da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José

CEP: 99.052-90

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54) 3316-8157

E-mail: cep@upf.br

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
VICE-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO – VRPPG/UPF



Continuação do Parecer: 3.681.784

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1445918.pdf | 30/10/2019 17:19:57 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projeto_dissertacao.doc | 08/10/2019 00:19:50 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | autorizacao_CEPbco.pdf | 07/10/2019 18:25:40 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | autorizacao_La_Salle.pdf | 07/10/2019 18:25:22 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| Declaração de Pesquisadores | declaracao_pesquisa_ainda_nao_iniciada.pdf | 06/10/2019 22:46:47 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termo_de_assentimento.docx | 06/10/2019 22:46:01 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | termo_consentimento_TCLE.docx | 06/10/2019 22:45:39 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |
| Folha de Rosto | FOLHA_DE_ROSTO.pdf | 06/10/2019 22:45:02 | MARCOS ANTONIO FASOLIN | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PASSO FUNDO, 04 de Novembro de 2019

**Assinado por:
Felipe Cittolin Abal
Coordenador**

Endereço: BR 285- Km 292 Campus I - Centro Administrativo/Reitoria 4 andar

Bairro: São José

CEP: 99.052-90

UF: RS

Município: PASSO FUNDO

Telefone: (54) 3316-8157

E-mail: cep@upf.br

CIP – Catalogação na Publicação

F248p

Fasolin, Marcos Antônio

A prática da educação física no ensino médio: percepções dos alunos sobre a esportivização e formação / Marcos Antônio Fasolin. – 2020.

83 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Eldon Henrique Mühl.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, 2020.

1. Educação física (Ensino médio). 2. Estudantes do ensino médio. 3. Esportes escolares. I. Mühl, Eldon Henrique, orientador. II. Título.

CDU: 37:796

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569